

REVISTA **DZZZ**

ANO 2 | Nº 15 | SETEMBRO DE 2014 | R\$ 10,00



MITO

Lenda, mistérios e verdades sobre a Viúva Machado e o seu palacete, que até hoje instigam o imaginário popular

PRESERVAÇÃO

UM PASSEIO PELO CENTRO HISTÓRICO DE NATAL, QUE FOI DECLARADO PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL

MEMÓRIA

O HOTEL QUE FOI PALCO DE GLAMOUR E ARTICULAÇÕES NORTE-AMERICANAS DURANTE A II GUERRA

JUSTIÇA BRASILEIRA

ASSASSINATO DO EMPRESÁRIO PAULO UBARANA COMPLETA 10 ANOS E OS AUTORES EM LIBERDADE

BRASÍLIA

MARIA ESTELA KUBITSCHECK CONTA PARTICULARIDADES DESDE A CONSTRUÇÃO DA CAPITAL FEDERAL À MORTE DO SEU PAI

DESCASO

RECUPERAÇÃO NÃO PASSARAM DE PROMESSA E ESTÁDIO JUVENAL LAMARTINE CONTINUA UMA INCÓGNITA

GASTRONOMIA

UM PEDAÇO DA BOLONHA EM NATAL

CÉSAR FERRARIO

DE ASSASSINO EM AMORES ROUBADOS AO MISTERIOSO COZINHEIRO DE O REBU, QUEM É ESSE ATOR QUE SAIU DE MOSSORÓ PARA INTEGRAR OS CLOWNS DE SHAKESPEARE



MARICA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SÃO GONÇALO DO AMARANTE
Campus São Gonçalo do Amarante



06 novas escolas modelo

SÃO GONÇALO TEM MAIS EDUCAÇÃO. MAIS INVESTIMENTOS NO FUTURO.

INVESTIMENTOS NA MELHORIA DA QUALIDADE DO ENSINO

Em São Gonçalo a educação é, de fato, uma prioridade. Investimentos na construção de creches, escolas modelo, implantação do ensino em tempo integral em 26 escolas, 34 laboratórios de informática, na tecnologia do ensino por meio do portal educativo, além da reforma e modernização das unidades escolares, fazem de São Gonçalo uma cidade que trabalha o presente, pensando no futuro.

ENSINO PROFISSIONALIZANTE E SUPERIOR

Com a instalação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFRN em São Gonçalo do Amarante, uma nova perspectiva abre-se para os jovens, que contam com mais qualidade no ensino profissionalizante. Como também, a implantação da Universidade Aberta do Brasil (UAB) - Polo Universitário Dr. Ruy Pereira, são mais oportunidades de ingresso no ensino superior, com cursos de graduação e pós-graduação, em parceria com o IFRN, UFRN e UERN.

CAPACITAÇÃO DE JOVENS E TRABALHADORES

O município está investindo alto em capacitação de mão-de-obra para a garantia dos empregos gerados. São dezenas de cursos do PRONATEC, Aulões Preparatórios para o ENEM e IFRN oferecidos gratuitamente. Através do Projeto Fala Mais, cursos gratuitos de idiomas como: inglês, espanhol e mandarim (chinês) são oferecidos para jovens e trabalhadores ligados ao setor turístico, e já formou mais de três mil pessoas.



Aulões Preparatórios para o ENEM e IFRN



02 unidades de ensino gratuito de Idiomas: Centro e Jardim Lola



Prefeitura de
São Gonçalo do Amarante | RN

Mais Trabalho, Mais Desenvolvimento.



A MELHOR REFERÊNCIA *quando você mais precisa.*

Saúde em todos os aspectos. Assim é o hospital com a melhor estrutura hospitalar do Norte-Nordeste, 27 especialidades médicas e o único da rede privada do RN com equipamento de ressonância magnética. Além de tudo isso, você conta com o Check-up Executivo, que realiza uma bateria de exames em apenas um expediente e faz uma avaliação geral da sua saúde. Se um dia precisar, fique tranquilo: o Hospital do Coração é referência.

- Equipe médica completa
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

(84) 4009-2000

hospitaldocoracao.com.br

**HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.



Jornalismo VERSÁTIL

DESVENDAR MISTÉRIOS, DESMISTIFICAR LENDAS, aguçar curiosidades, contar instigantes histórias, entrevistar com exclusividade, bastidores políticos, viagens, tendências da moda e da arquitetura; passar por cardápios estrelados e populares, jogar flashes sobre badaladas festas em Natal e Brasília, resgatar grandes acontecimentos, denunciar irregularidades, mostrar erros e acertos. A Revista Bzzz vem se notabilizando por um leque de pluralidade que a cada edição conquista mais leitores, vai subindo degraus e a tiragem pede crescimento. E aí vamos nós, reforçando esta colmeia de notícias, com uma equipe de colaboradores atuantes que segue mostrando seu talento.

Nesta 15ª, relembramos os bastidores da entrevista que Octávio Santiago fez com Eduardo Campos, uma das últimas concedidas pelo presidenciável antes de morrer no trágico acidente aéreo. O assassinato do empresário Paulo Ubirajara, um dos acontecimentos que mais chocaram a cidade, completa dez anos. O que motivou o crime? Como está o casal condenado pela morte do empresário que resgatou o antigo bairro da Ribeira? Saiba na matéria de Alice Lima. E o cara da capa desta edição é o mossoroense que chegou à tela da Globo, mas não abandona suas raízes teatrais em solo potiguar. Conversamos com César Ferrario, que compõe o elenco da novela das 23h, O Rebu, como um misterioso cozinheiro. Conversa boa, que você também vai gostar de saber.

Conversa boa também foi a de Camila Pimentel com Maria Estela Kubitschek, que contou sobre a construção de Brasília, curiosidades sobre o pai e a mãe, além de uma revelação sobre uma grande amiga potiguar. A filha de JK declarou-se eleitora de Aécio Neves. Quem hoje acima de 40 anos em Natal não lembra da Viúva Machado? Uma senhora simples que casou com um rico português e pagou um alto preço por ter enfrentado o machismo e se superado no mundo dos negócios. Virou lenda que até hoje instiga o imaginário popular. Resgatamos esse passado e mostramos o que é verdade e o que é lenda, inclusive sobre o seu palacete, que tinha esconderijo antiaéreo para militares norte-americanos.

Saiba sobre o centenário relógio no Centro de Natal que foi trazido da França e até hoje permanece imponente. Palco de grandes partidas de futebol e shows, o Estádio Juvenal Lamartine, em uma das áreas mais valorizadas da cidade, continua sob o descaso e dúvidas. Fomos em busca do passado e de informações sobre o futuro. Uma luz se acendeu no fim do túnel para preservar a história da capital do Rio Grande do Norte, que agora é oficialmente Patrimônio Cultural do Brasil. Desde os tempos da II Guerra, passeamos pelo glamour do Grande Hotel. O que é construção sustentavelmente correta? Coletamos informações e exemplos. Nessa colmeia de notícias, sirva-se também da boa leitura sobre turismo, cultura, moda e arquitetura.

Eliana Lima

EXPEDIENTE

PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

SITE DA REVISTA
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
portaldabelhinha.com.br

E-MAIL
revistabzzz@portaldabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@revistabzzz.com

EDITORA ASSISTENTE
ALICE LIMA
alice@revistabzzz.com

REVISÃO
REGINA COSTA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 9996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
CAMILA PIMENTEL, CARLOS DE SOUZA,
JANAÍNA AMARAL, HEITOR GREGÓRIO,
JULIANA MANZANO, LARISSA SOARES,
LOUISE AGUIAR, MARINA GASDELHA,
OCTÁVIO SANTIAGO, THIAGO CAVALCANTI E
WELLINGTON FERNANDES.

FOTOS
FRANCISCO JOSÉ DE OLIVEIRA, JOÃO NETO,
SUELI NOMIZO, CANINDÉ SOARES

GRÁFICA
IMPRESSÃO GRÁFICA

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES



TER O ESPAÇO QUE
COMBINA COM
O SEU ESTILO.
**ISSO É VIVER
O NOVO.**

PRONTO
PARA
MORAR

NO MELHOR DA
MARIA LACERDA

VISITE DECORADO NO LOCAL

Novo
sttilo
home club

69M²
3 QUARTOS
LAZER COMPLETO

DESCONTOS DE ATÉ
R\$ 55 MIL*



CYRELA PLANO&PLANO
SONHOS CONCRETOS

Seu imóvel está aqui

2010 9990

CENTRAL DE OPORTUNIDADES

Incorporação: Cyrela Suécia Emp. Imob. Ltda. Vendas: Abreu Brasil Brokers - Creci: 2.639-J - 17ª Região. Novo Sttilo Home Club: R.I. R.4-51.681, em 29/11/2010, no 1º Ofício de Notas de Parnamirim/RN, obras concluídas: Habite-se nº 173/2014, em 26/03/2014 (torres A, B, E e F), demais em construção. Imagens reais do local. Engenheiro responsável pelas obras: CREA nº 2603945203. *DESCONTOS DE ATÉ R\$ 55 MIL REAIS: Referente à unidade 1402, com 69m². Torre Romântico, Valor Parcelado R\$ 294.271,00: ato de R\$ 10.541; 03 parcelas mensais de R\$ 14.055, em 30/60/90 dias; valor a ser financiado: R\$ 241.565. Valores referentes à tabela de SET/2014. Sugestão de tabela. Saldo corrigido pelo IGPM(FGV) mais 1% de juros a.m. Valor da unidade à vista: R\$ 238.300,00. Crédito sujeito à aprovação pela instituição financeira. Preço válido enquanto durar o estoque. Impresso em SETEMBRO/2014.



88
TODAS
AS IDADES
NA MODA



54
OS BASTIDORES DA ENTREVISTA DE
EDUARDO CAMPOS À REVISTABZZZ



84
EMPREENHIMENTOS
EM JOÃO PESSOA



82 DANCE.COM

CENTENÁRIO
72 Relógio

Em pleno centro de Natal, monumento trazido da França segue imponente

SUSTENTABILIDADE
20 CONSTRUÇÃO CIVIL

Empresas realizam obras com materiais e medidas sustentáveis

Só um *instante,* por favor!

O tempinho que os motoristas, da faixa ao lado, desaceleram para o ônibus avançar, resulta em grandes benefícios, pois a cada carro que dá a preferência para o ônibus passar, 40 pessoas, em média, chegarão mais rápido aos seus destinos. E cada ônibus que recebe a permissão de ultrapassagem, faz com que o trânsito consiga fluir melhor. Assim, compartilhando espaço nas ruas, os congestionamentos diminuem e todos ganham tempo.

**MESMO DE CARRO,
DÊ A PREFERÊNCIA AO
TRANSPORTE COLETIVO.**



S E T U R N

SINDICATO DAS EMPRESAS DE TRANSPORTES
URBANOS DE PASSAGEIROS DO MUNICÍPIO DO NATAL



ELIANA LIMA

Com colaboração de Camila Pimentel, de Brasília

“PERIGO IMINENTE”

Governadores vêm reclamando da ausência de investimentos prometidos pelo Ministério da Justiça no combate às drogas. O programa “Crack, é possível vencer”, por exemplo, ou parou ou segue a passos de tartaruga. Em alguns estados, equipamentos, como câmeras de monitoramento, ainda não chegaram, nem foi realizada a capacitação dos profissionais para o enfrentamento. Gestores criticam “falta de eficácia” da Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp) e da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad).



EM TEMPO

Por falar na Senad, ao que parecem, as atividades de combate às drogas estão paralisadas. Na página virtual “Políticas sobre Drogas”, no site do MJ, as últimas ações divulgadas são de dezembro de 2013.

INFLAÇÃO

As temidas maquininhas que re-marcavam os preços dos produtos nos supermercados, aposentadas em 1994, com a estabilização da moeda, após a criação do Plano Real, ameaçam voltar. Em Brasília, por exemplo, alguns estabelecimentos comerciais já não colocam preços nos produtos. Quando questionados, justificam que sobem toda semana.



ELÁSTICO

Nos escaninhos do tucanato, o que mais fortalece a permanência de Aécio Neves (PSDB) na disputa para a Presidência, mesmo com o número de pretensos votos em queda, é o caixa de campanha. Robusto. São grandes as doações, e devidamente ajustadas.



FUTURO

Se Aécio Neves terminar a disputa em terceiro lugar com cerca de 10% dos votos, será gigante universo para impulsionar um projeto 2018, a contar mais de 14 milhões de votos, com base nos quase 142 milhões de eleitores atualmente no Brasil, segundo informações do TSE. Também a contar que se Marina Silva (PSB) sair vitoriosa nas urnas, já declarou que não tentará a reeleição.

PASSADO

Lembrar que o terceiro lugar em 2010 serviu como um recall para Marina nas Eleições 2014.

MAIS UM

Nos próximos dias, o TSE deve decidir se aprova, ou não, o registro do Partido Novo, idealizado por um grupo de empresários brasileiros, presidido pelo banqueiro João Dionísio Amoedo, com a ideia de gerir o País nos moldes empresariais. No fim de julho, o grupo apresentou à corte eleitoral a formação dos nove diretórios (mínimo exigido) e 502 mil fichas certificadas em cartório, 10 mil a mais que o exigido. Para o registro, solicitou o número 30.

DIFERENTE

O partido, que o grupo apresenta com a sigla NOVO, foi fundado em 2011 por um grupo de amigos que não têm vínculos políticos. “Não temos nenhum político no nosso quadro. Até porque não temos muito contato com eles. Não queremos virar ‘partido de caciques’”, afirma o presidente João Dionísio. Despersonalizar a política é um dos desafios do partido.

APROVEITAMENTO

No trabalho de formiguinha, João Dionísio vem utilizando o “Hangout” para conversar com jovens e adultos interessados em política. Trata-se de um aplicativo, para Android, iOS, Google Chrome e Outlook, que possibilita bate-papo por texto, áudio ou vídeo, além do compartilhamento de imagens e emoticons. Conversas que divulga nas demais redes, como Twitter e Facebook.

RAIO-X

Em tempos de eleições, a TV Globo, para entrevistas, faz antes uma espécie de investigação sobre a vida política de candidatos. Nas últimas realizadas com os presidenciáveis, vasculhou mas não encontrou nada que desabonasse a vida pública de Eduardo Campos, que passou por vários cargos de confiança e eletivos. Um dia antes de morrer no desastre aéreo, Campos foi o entrevistado na bancada do Jornal Nacional.

PENSANDO BEM...

Já imaginou se a Polícia Federal resolve investigar todas as aeronaves usadas em campanhas pelo Brasil afora?

SOLIDARIEDADE E CORAGEM

A declaração da brasileira Renata Grilli no Facebook - que está morando em Beirute, onde o marido Cláudio Grilli assumiu o cargo de adido militar na Embaixada do Brasil no Líbano - soa como um desespero por ajuda aos refugiados

e mostra a realidade de um povo inocente em território de seguidos conflitos, efeitos da tirania ditatorial em confrontos com as armas separatistas: “Hoje foi um dia muito especial. A Campanha Caridade sem Fronteiras foi ao Bekaa entregar as refeições preparadas pelas voluntárias em um acampamento de refugiados sírios. Me emocionei diante de tanta fome e sofrimento desse povo. Fomos bem recebidas e pudemos ver de perto as condições precárias que estão vivendo. Falta tudo. Mas principalmente leite em pó para as crianças, lonas para cobrir as tendas e colchonetes. Em breve o frio deverá chegar e a temperatura nas montanhas fica abaixo de zero. Não tem água nem luz. Roupas de frio, agasalhos e cobertores são importantes para as famílias. As crianças estão sem escola e não encontrei nenhum brinquedo nas tendas. Muito triste. Marcamos o retorno para o início do próximo mês. Quem puder ajudar de imediato aqui no Líbano doando os itens acima mencionados será muito bem-vindo”.

RELAX

O ministro Luiz Roberto Barroso, do STF, e a mulher Tereza aterrissaram em solo potiguar, no final de agosto. Do aeroporto, seguiram para o destino mais cobijado do RN: a praia da Pipa, litoral sul, hóspedes da bela Toca da Coruja, pousada do Roteiro de Charme. Na noite de sábado, por indicação da Abelhinha, o casal jantou no restaurante Pacífico, da chef Anna Tenan, na companhia dos amigos natalenses Maria e Francisco Nunes, Rogéria e Renier Nunes.

SUPREMO

O ministro, que foi advogado da Rede Globo, encontrou na chef Anna amigos em comum. Ela foi repórter do jornal O Globo. Acompanhado de tilintares de um bom tinto, Luiz Roberto Barroso saboreou e aprovou o “Patê de foie” com pão integral, de entrada, e considerou perfeito o “Risoto de Frutos do Mar”.



ASSASSINATO DO DONO DA RUA CHILE

A morte do empresário Paulo Ubarana completa dez anos, mas a memória do homem que fez história da noite natalense continua viva. Uma década depois, assassinos condenados amargam as consequências do crime

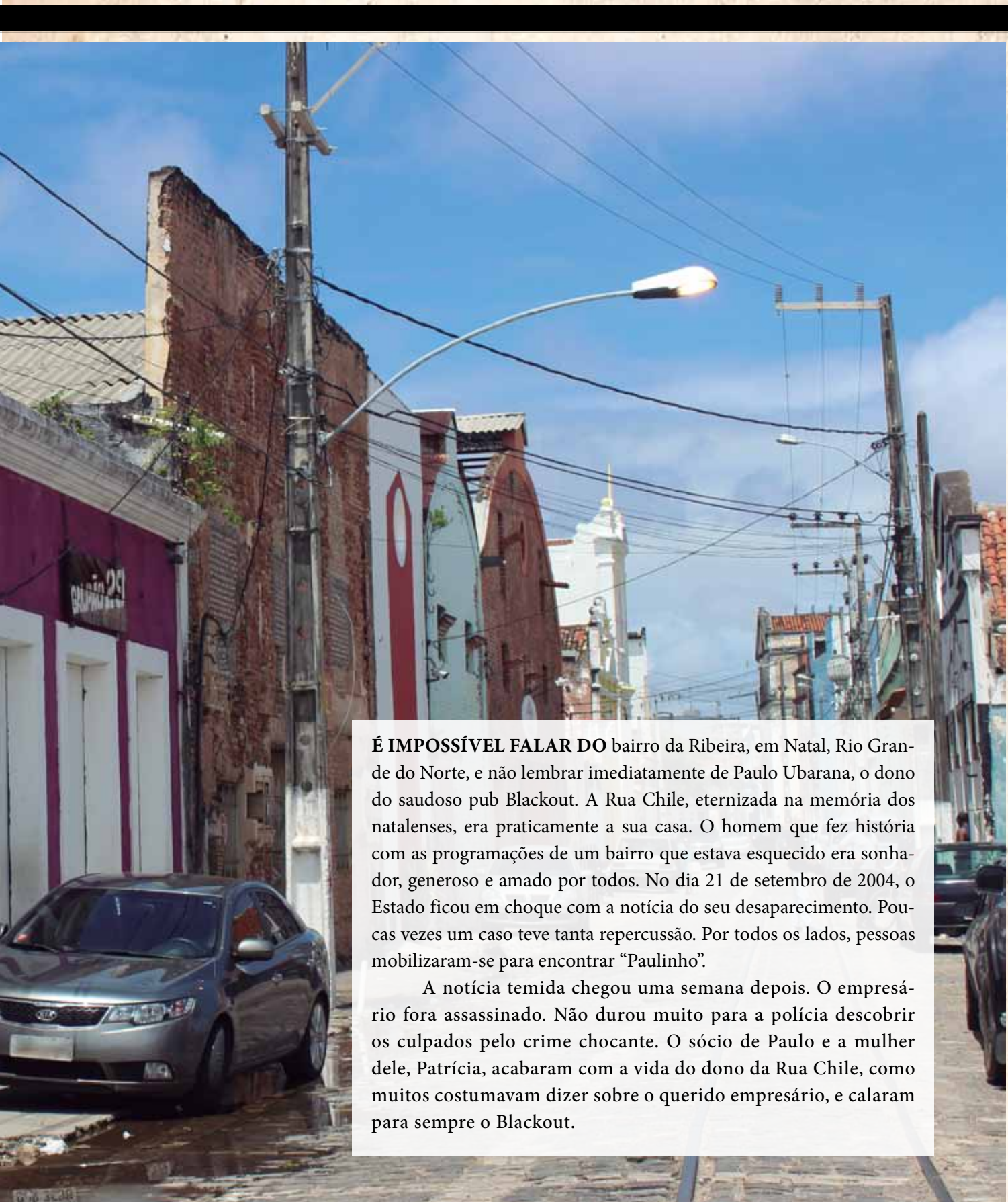
Por **Alice Lima**

Fotos: Francisco José de Oliveira e
Arquivo da família



PAULO
UBARANA

a noite, senhor d



É IMPOSSÍVEL FALAR DO bairro da Ribeira, em Natal, Rio Grande do Norte, e não lembrar imediatamente de Paulo Ubarana, o dono do saudoso pub Blackout. A Rua Chile, eternizada na memória dos natalenses, era praticamente a sua casa. O homem que fez história com as programações de um bairro que estava esquecido era sonhador, generoso e amado por todos. No dia 21 de setembro de 2004, o Estado ficou em choque com a notícia do seu desaparecimento. Poucas vezes um caso teve tanta repercussão. Por todos os lados, pessoas mobilizaram-se para encontrar “Paulinho”.

A notícia temida chegou uma semana depois. O empresário fora assassinado. Não durou muito para a polícia descobrir os culpados pelo crime chocante. O sócio de Paulo e a mulher dele, Patrícia, acabaram com a vida do dono da Rua Chile, como muitos costumavam dizer sobre o querido empresário, e calaram para sempre o Blackout.



Paulo com o casal Gladys e Fernando Fernandes



Ele e Rodrigues Neto



Paulo e a cantora Carol Posadzki



Paulo na companhia dos pais

NOS TEMPOS DE PAULO UBARANA...

Apesar da dor eterna pela perda, a família Ubarana mantém a serenidade ao falar sobre Paulo. Sorriem ao lembrar as histórias de quando estava vivo. Ele nasceu em Natal no dia 17 de dezembro de 1963. Tinha cinco irmãos - quatro mulheres e um homem. Uma delas, Patrícia, sua irmã gêmea.

A vida dele sempre foi movida à emoção e busca constante pela realização de sonhos, não só o seus. Começou a trabalhar aos 13 anos de idade como office boy no Hotel Samburá, centro da cidade, e depois trabalhou na Livraria Universitária. Já adulto, foi funcionário da Prefeitura Municipal do Natal. Logo que melhorou de vida, começou a ajudar a pagar os estudos dos sobrinhos e irmãos mais novos. Um deles, Ubarana Júnior, tinha nele a figura paterna e virou uma espécie de porta-voz da família, tanto para contar as lembranças boas, como nos momentos difíceis após a morte.

“Ele cobrava boas notas, bom comportamento, procurava saber do meu andamento. Não é à toa que até hoje, a cada conquista, penso como gostaria se ele estivesse observando”, disse Júnior, hoje arquiteto bem posicionado no mercado potiguar, além de fotógrafo.

Formado em Economia, sempre exercendo atividades em empregos públicos e sem estabilidade, Paulo nutria o sonho de ter o seu próprio negócio, mas não podia ser qualquer segmento. Tinha que ser a cara dele: a noite, nas festas super produzidas para reunir os tantos amigos. Em 1996, quando a então prefeita Wilma de Faria começou a falar em revitalizar a Ribeira, ele disse à família: “Vou abrir um bar na Rua Chile”. No momento, todos acharam que não passava de uma brincadeira, já que o lugar ainda era apenas cercado por órgãos públicos, pequenas lanchonetes e prostíbulo. Sem dar ouvidos aos alertas preocupados dos seus próximos, o desejo virou realidade.



... E DO BLACKOUT

Então nasceu o Blackout. Quem não ouviu falar? O bar, que, assim como o seu dono, deu vida ao famoso largo da Rua Chile. Outros viram a investida prosperar e também abriram estabelecimentos no local. Começou a saudosa temporada de festas. As bandas da cena mais “alternativa” tinham parada certa ao chegar a Natal. Foram muitos grupos e músicos que lá iniciaram suas carreiras ajudadas por Paulinho. O Festival Mada - Música Alimento da Alma - começou no largo. O camarim dos músicos, inclusive, funcionava dentro do Blackout. O sucesso das suas iniciativas era tanto que cada vez mais pessoas rodeavam Paulo. Algumas brincavam que ele deveria se candidatar a um cargo político, dada a alta popularidade.

Como é comum na cidade, o negócio nem sempre dava lucro. A verdade é que era muito mais um sonho do que algo lucrativo. Às vezes, passava temporadas fechado por falta de dinheiro, deixando frequentadores natos sem seu habitat. Era nesses dias que se via o homem, tão reconhecido pela alegria ímpar, ficar triste e cabisbaixo. Nesse momento, a família entrava em ação. “A gente fazia um esforço conjunto para ele ter condições de reabrir. Então, Paulo pensava nas festas mais diferentes, a noite era um sucesso, e ele voltava a sorrir e começar tudo de novo”, lembra o irmão, fazendo referência às festas temáticas, que eram uma marca do produtor que trabalhava enquanto se divertia.

Quando o patriarca dos Ubarana adoeceu de um câncer, todos precisaram ir morar em uma granja, um pouco afastada de Natal, lar onde vivem até hoje, numa espécie de condomínio familiar. Por causa do trabalho, que sempre rolava pela noite, Paulo ficou morando na casa de uma irmã em um condomínio no bairro de Nova Parnamirim. Com a doença, a família ficou sem condições de ajudar o negócio a se manter.

Foi nesse período de dificuldade para manter o negócio que surgiu Anxo Anto Valiño Gonzáles na história. O espanhol chegou a Natal com a retórica de que gostaria de investir em casas noturnas. Foi quando procurou o Blackout Beer, na orla de Ponta Negra. O nome era o mesmo porque Paulo o cedeu a um amigo, inclusive, sem nada cobrar. O dono do bar homônimo disse que não tinha interesse em sociedade, mas poderia ser que o empresário da Ribeira quisesse.

O europeu chegou até Paulo Ubarana com a retórica de promessas ao propor uma sociedade. Naquele período, o combinado é que seriam sócios e ele pagaria certa quantia ao proprietário, além das dívidas trabalhistas (o que mais deixou Paulo feliz, pois ele tinha nos funcionários uma segunda família), e de custear a reforma que deu nova cara ao prédio alugado. Negócio fechado e tudo pareciam flores. Chegaram a fazer uma viagem juntos à Europa, enquanto acontecia a obra, com a ideia de abrir uma filial em Barcelona, na Espanha. De sócios passaram a ser bons amigos, tanto que Paulo o chamava de Toni.

Quem chegou a ter um pouco de convivência com Anxo, na época, fala do poder de convencimento que tinha. Sempre articulado, os planos para os negócios pareciam certezas de sucesso. Para os mais próximos, os dois eram apenas parceiros de negócios, sem existir uma amizade. Algo estranho para alguém como Paulo, que tantos grandes amigos fez:

Após meses de reforma, o Blackout foi reaberto com uma grande festa, para a imprensa e alguns convidados. Em seguida, para o público, realizou grande comemoração com o tema “Sete Pecados Capitais”. O valor pago pela sociedade seria dividido em duas vezes. A primeira metade chegou a ser paga e a outra não era efetuada, o que provavelmente motivou o assassinato.



O CRIME

Seria uma manhã como outra qualquer quando Ubarana Júnior recebeu o telefonema da arquiteta do Blackout, Joana Cecília, dizendo que estava preocupada com Paulo, que ainda não havia aparecido desde a noite anterior. Ele a tranquilizou informando que o irmão costumava dormir até muito tarde mesmo. Entretanto, naquele mesmo dia, 21 de setembro de 2004, o carro do empresário foi encontrado abandonado em Parnamirim. Local para onde foram todos os amigos, que aguardaram por horas, angustiados, a chegada do Itep, pois o carro só poderia ser aberto com a presença dos peritos. Alguns questionavam, desesperados, ao delegado, que se Paulo estivesse vivo dentro da mala não resistiria. Mas, esperou-se o Itep. Não tinha corpo. Nem notícias sobre ele.

Ao chegar ao local e certificar-se de que o corpo não estava na mala do veículo, a família começou a cogitar que se tratava de um sequestro. Desse modo, duas pessoas ficaram de plantão na casa dele para o caso de criminosos entrarem em contato. Enquanto isso, no local onde o veículo foi deixado, amigos, familiares, curiosos e policiais aglomeravam-se. Anxo e a mulher Patrícia também foram ao local. Choravam muito, o que intrigou os amigos de Paulo. Levado por uma funcionária do bar, ele começou o trajeto sendo guiado, porém, ao chegar mais perto do destino final, vacilou. Ela se esqueceu de ensinar e, mesmo assim, ele sabia onde estava o carro da vítima.

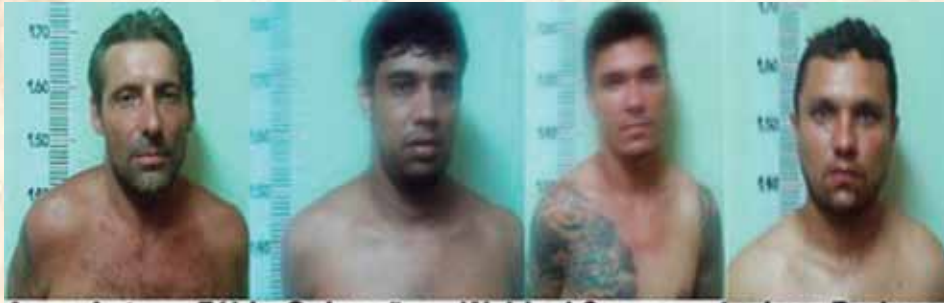
Ao se aproximar da família, Anxo chorava copiosamente, um desespero que causou espanto, uma vez que a própria família estava preocupada, mas conseguia manter a serenidade. Possivelmente, foi naquele momento, com a polícia e tanta gente reunida que se importava com Paulo, que o assassino condenado pela Justiça entendeu de quem se tratava Paulo de Tarso Ubarana.



O delegado Ronaldo Gomes foi o responsável pelo inquérito policial

As investigações ficaram sob a responsabilidade do delegado Ronaldo Gomes, da 1ª Delegacia de Polícia de Parnamirim. Anxo foi interrogado nos primeiros dias após o desaparecimento. Segundo as lembranças do titular, o casal suspeito, Anxon e Patrícia, aparentava muita calma. Uma semana após o início das buscas, o corpo foi encontrado. No mesmo dia, ambos tiveram decretada a prisão temporária.

A investigação deu muitas respostas para se chegar ao inquérito final. A última vez que o empresário foi visto estava na companhia do casal em um restaurante na orla da praia de Búzios, litoral sul do Estado, no mesmo dia do desaparecimento. As investigações apontaram que a vítima foi levada pelos assassinos até uma parte das dunas, a cavalo, sob efeito de medicamentos. Ao chegar no alto da duna, ao ver uma cova pronta, que seria para enterrar seu corpo, Paulo se desesperou, tentou fugir, mas tiros disparados foram fatais. Um dos tiros atingiu e matou um animal. Perto da cova feita ficaram objetos pessoais de Paulo.



Anxo Anton. Fábio Guimarães. Waldecy Soares e Josivan Barbosa.

Enquanto cumpria regime semiaberto, Anxo foi preso novamente, junto a uma quadrilha, no município de Macau

A polícia seguiu pistas para chegar a essa conclusão. Após interrogar suspeitos e testemunhas, o delegado foi ao haras que o espanhol possuía no distrito de Pium. Ao chegar lá, perguntou por todos os cavalos e, sem aparentar emoção, o suspeito falou sobre um que havia morrido nos últimos dias, o que somou à história de que tinham saído do restaurante a cavalo. Desse modo, continuaram as buscas pela região. Enquanto procuravam pistas ao redor, um homem que passava por perto procurou os policiais para informar que um urubu havia soltado um dedo humano perto dele e apontou a direção. Debaixo de um arbusto estava o corpo de Paulo. Próximo, foi encontrado o estojo da arma usada no crime.

Enquanto tudo acontecia, Anxo e Patrícia eram observados pela polícia. Ela, alagoana e ex-dançarina da Ilha da Fantasia, casa noturna que existia em Natal, fechada pela Polícia Federal. “Foram 45 dias de investigações. Não nos restavam dúvidas de que se tratava de um crime premeditado, que começou a sair dos planos iniciais do assassino a partir do momento em que a vítima tentou fugir, de onde estava a cova pronta e, como caiu a uma distância considerável e era uma duna, não dava para levar o corpo até lá. Se essa cena não tivesse acontecido, seria mais difícil entender o local de crime”, explicou o delegado. Para ele, a investigação foi uma das mais importantes no Estado e não deixou dúvidas da responsabilidade dos



Jornal impresso destaca nova prisão do espanhol

acusados. Pedacos da pistola desmembrada foram encontrados ao longo do caminho até Pium.

A morte causou uma comoção enorme. Motorista de Paulo na época, Edvanildo Soares passou muito tempo lamentando-se por não estar com ele no dia. Era sua folga e, de acordo com o funcionário e amigo, se estivesse junto seria mais difícil matar dois e os assassinos poderiam ter desistido do plano. O segurança Flávio Tatu, que trabalhava no Blackout, também lamenta por não ter sido chamado pelo patrão para acompanhá-lo.

Durante trinta dias após a morte, durante as investigações do crime, todos os jornais impressos da capital potiguar esgotaram as vendas. Todos eles traziam o caso na capa.

O JULGAMENTO

No dia 4 de julho de 2007, Anxo Anton, então com 43 anos, e Maria Patrícia, 25, sentaram-se no banco dos réus para o júri popular composto por sete cidadãos escolhidos por meio de sorteio. O presidente do Tribunal do Júri foi o magistrado Marcus Vinícius Pereira Júnior, que era responsável pela comarca de Nísia Floresta, município onde fica a praia de Búzios, cenário do crime. O julgamento, tão polêmico e esperado, durou 31 horas, com o plenário lotado durante todos os momentos. A defesa do casal foi feita pelos advogados André Justo, Wilker Meira e Rodrigo Cavalcanti.

O casal foi condenado pelo homicídio duplamente qualificado do empresário. O conselho de sentença decidiu por unanimidade que eles planejaram e mataram Paulo Ubarana com dois tiros na cabeça. O espanhol recebeu pena de 19 anos de reclusão e a alagoana, 16 anos, ambos em regime inicialmente fechado.

A defesa argumentou que o casal foi torturado para confessar o crime, inicialmente, e, diante de Paulo ser uma pessoa bastante conhecida, exigiam que os culpados fossem encontrados rapidamente e as pessoas mais indicadas seriam eles, “um estrangeiro e uma prostituta”.

A promotora Uliana Paiva fez a acusação, ao lado do advogado Flaviano Gama, contratado pela família de Paulo. Segundo levantaram, o principal motivo do assassinato foram as dívidas que Anxo tinha com Paulo e o fato de Maria Patrícia não gostar da vítima. A promotora mostrou aos jurados as fotos de Paulo morto próximo à cova e disse que os laudos do Itep mostraram que ele tentou fugir. Os sapatos e óculos foram encontrados próximo ao corpo, além das balas na cabeça da vítima, que, por meio dos laudos, indicam que foram da arma de Anxo, e os exames comprovaram vestígios de pólvora nas mãos de Patrícia.

Na sua defesa, de frente para os jurados, Flaviano Gama contou um detalhe sórdido que impressionou a todos. Dorinha, amiga da família e braço direito de Paulo no Blackout - quem acompanhou o espanhol ao local do crime - preocupada com o desaparecimento do patrão, ligou para Anxo e Patrícia atendeu. Ao informar sobre a falta de



Marcus Vinícius Pereira, juiz responsável pelo caso

notícias de Paulo, Patrícia, em tom de riso, repassa a informação ao espanhol, que responde, com toque de ironia: “Pede para ela fazer um escondidinho para mim”. Na leitura do advogado, Anxo ironizava que Paulo estava debaixo do arbusto, “escondidinho”, como era chamado o prato de maior sucesso do cardápio do Blackout. Um prato onde a carne de sol fica escondida sob purê de macaxeira, que poderia ser interpretado com as dunas.

“Ao analisar todo o processo, a certeza da culpa do casal saltava aos olhos. Desde os depoimentos testemunhais que apontavam as discussões ocorridas entre a vítima e os dois, em decorrência de dívidas, aliado ao fato de eles terem sido as últimas pessoas vistas com Paulo, enfim, havia todo um conjunto probatório a apontar a autoria do crime”, explica a promotora.

Para a acusação, a pena pode ser considerada satisfatória, levando em conta que o crime de homicídio qualificado, por motivo torpe e cometido à traição, de emboscada, possui pena abstrata que pode variar entre 12 a 30 anos. Se o crime fosse nos dias de hoje, o casal enfrentaria mais dificuldades para deixar o regime fechado, umas vez que seria preciso cumprir, pelo menos, 2/5 da pena para tentar o semiaberto. No regime em que Patrícia está, o aberto, precisa ir uma vez por semana à penitenciária para questões burocráticas. Oficialmente, Anxo continua negando o crime, porém, para algumas pessoas, conta como matou Paulinho e afirma, também, que quem puxou o gatilho foi a sua companheira.

Prisão e liberdade

Anxo Anton ficou preso em regime fechado entre 24 de outubro de 2004 e 15 de julho de 2008. No dia 4 de dezembro de 2007, o juiz Marcos Vinícius negou o pedido de progressão de regime ao apenado, considerando a necessidade de cumprimento de 2/5 da pena. De acordo com a decisão do magistrado, o apenado somente teria direito à progressão em 19 de maio de 2012.

Após julgamento de habeas corpus por parte dos desembargadores Caio Alencar e Saraiva Sobrinho, respectivamente, foi determinada a análise da possibilidade de progressão de regime considerando 1/6 da pena, sem a realização de um exame criminológico, de acordo com a Lei de Execuções Penais.

Assim, Anxo Anton teve o seu direito de progressão de regime deferido em 15 de julho de 2008, passando a cumprir pena em regime semiaberto. Porém, no dia 19 de maio de 2011, foi preso junto a uma quadrilha na cidade de Macau (RN), por porte de armas, e o regime passou novamente a fechado.

Em nova decisão, no dia 24 de junho de 2012, Anxo voltou ao semiaberto, condição que permanece atualmente. O espanhol cumpriu o regime fechado na Penitenciária de Alcaçuz. Quando foi ao semiaberto, passou para o presídio de Parnamirim e, no mo-

Fred Carvalho/nominuto.com



Anxo e Patrícia, condenados a 19 e 16 anos de prisão, respectivamente, conversam antes do julgamento

mento, cumpre no Complexo Penal Dr. João Chaves, o antigo Caldeirão do Diabo. Já este ano, passou 52 dias em regime fechado, motivado por faltas. É obrigatório voltar todos os dias para dormir na prisão e ele esteve ausente por alguns dias.

Já Maria Patrícia ficou presa em regime fechado entre 24 de outubro de 2004 e 17 de novembro de 2009, considerando que obteve o direito ao cumprimento de pena no regime semiaberto na referida data. Em 3 de novembro de 2011, passou a cumprir pena em regime aberto, situação que permanece atualmente. Segundo informações obtidas, Patrícia mora na zona Norte da capital, onde comercializa frango assado. Tem um filho do espanhol, que foi gerado durante a prisão em regime fechado.

Separação e doença

De acordo com testemunhas que veem o espanhol diariamente, o casal separou-se. Ele está doente, com constantes sangramentos. Chegou a ser levado a uma unidade de saúde, mas, por não ter nenhum documento de identidade, não foi atendido.



O anjo

Após a morte, a família ainda tomou conhecimento de histórias que ainda desconheciam em relação a generosidade de Ubarana. Um dia, uma senhora foi até a granja da família e disse: “Vi pela televisão que meu anjo morreu. Ele um dia me deu uma carona e eu contei da situação difícil que eu passava em casa, agredida pelo meu marido. Falei que iria sair de casa. Então, ele me ajudou, além de me ouvir. Sempre que vinha visitar vocês, passava na minha casa e deixava uma cesta básica”.

“

“Paulinho foi um grande amigo. Um amigo de verdade, muito querido e inesquecível. Juntos, vivemos momentos maravilhosos! Ele foi uma pessoa especial na minha vida.”

Gracinha Vilar

“

Ubarana, amigo querido, eterno sonhador, um guerreiro incansável na batalha pela “vida na Ribeira”. Sua última noite rendeu um papo maravilhoso, na calçada do meu prédio, até a madrugada. Política, música, shows, bandas, festas, farras e lembranças. Muitas lembranças! Estranhamente, naquele dia falamos muito pouco sobre o futuro. Passeamos pelas tantas noites do Blackout, noites de muito trabalho, alegria e, claro, muita farra que geralmente acabava com o sol raiando. Ele amava aquilo, gostava de ficar perto da porta, pois assim recebia todo mundo como fosse em sua casa. Na verdade, era mesmo e lá ele falava e dançava com todos, tinha seus momentos de psicólogo e sempre, sempre de alto astral, distribuía sua energia e alegria como se iluminasse os “blackouts” da vida.”

Wellington Paim



Wellington Paim, Helô Rocha, Eliana Lima, Lourdinha Alencar e Paulo



“

Paulo, dez anos sem você, mas com a convicção que a nossa amizade continua sendo mais forte que o tempo, podendo atravessar a imensidão do espaço e transcender os limites da vida. “A amizade é um amor que nunca morre”. Saudades, meu amigo!”

Emília Godeiro

“

Sorriso franco, sempre de bom humor. É assim que lembro de Paulo Ubarana. Sempre disponível para ajudar um amigo. Convivemos amiúde durante dez anos, até ele montar o Blackout, em que trabalhamos juntos, quando pude acompanhar seu crescimento profissional: vestibular, curso de economia, formatura. De estagiário ao status de administrador em curto espaço de tempo, devido à sua disposição para o trabalho, além de sua habilidade no trato com as pessoas além da honestidade a toda prova.

Hoje, dez anos depois de sua prematura partida e juntando tudo que presenciei e acompanhei, posso afirmar que perdi um verdadeiro amigo e nossa sociedade perdeu um cidadão de valor. Alguém que se preocupava com os amigos, alguém que morreu por ter um coração puro, desarmado e por confiar nas pessoas sem restrições, até com ingenuidade ao ponto de não distinguir um bandido entre seus amigos.

Paulo Ubarana, ao lado do nosso Pai Eterno, onde você deve estar, pois é pra lá que vão as boas almas, saiba que sua passagem por essa nossa terra não foi em vão. Suas boas marcas ficaram vivas em nossas lembranças e assim permanecerão. Homenageá-lo é exaltar a pureza de um coração amigo.”

João Augusto Melo



CONSTRUÇÕES SUSTENTÁVEIS

Muito se fala em sustentabilidade e são diversos os anúncios de novos empreendimentos a serem erguidos em Natal. Prognóstico, portanto, de geração de resíduos sólidos. O mercado está preparado para dar a destinação devida e não agredir ao meio-ambiente? Que medidas as empresas investem e quais as medidas pelos órgãos responsáveis? Fomos em busca dessas respostas

Por Heitor Gregório

Fotos: Francisco José de Oliveira e Divulgação





OS CANTEIROS DE OBRAS espalhados por Natal simbolizam desenvolvimento e expansão do mercado imobiliário. Por outro lado, também sinalizam a produção de uma quantidade significativa de resíduos que, caso não destinados corretamente, causam problemas ambientais, como o assoreamento de cursos d'água. Para ter ideia, o setor da construção civil produz cerca de 40% de todo o lixo sólido do Planeta, incluindo o reciclável, de acordo com dados do Conselho Brasileiro de Construção Sustentável (CBCS).

A pressão por medidas de sustentabilidade pulula e as empresas de construção civil são determinadas a trabalhar em consonância com medidas de proteção. Muitas incluíram nos seus cronogramas o dever social, com a obrigação de promover ações ambientais para reciclar, reutilizar e substituir os recursos naturais por outros. Nos canteiros de obras da Cyrela Plano&Plano na capital potiguar, por exemplo, a água suja é filtrada para lavagem da máquina betoneira, enquanto as proteções de segurança, geralmente feitas de madeira são trocadas por de cabos de aço.

“A construtora também reutiliza as caixas de papelão para proteção das bancadas já assentadas e só adquire madeiras com documentos de origem florestal, assim como realiza um projeto de paginação de blocos para evitar desperdícios”, assegura Renée Silveira, gerente de Operações da Cyrela Plano&Plano. A gestão dos resíduos é outro item preponderante. “Os restos das obras são separados por classe e destinados por empresas especializadas e licenciadas, que seguem as instruções regidas pela legislação ambiental”, afirma. “Nós também treinamos os nossos trabalhadores a respeito da segurança do trabalho e conscientizamos todos sobre as ações para preservarmos o meio ambiente”, complementa.

A geração de resíduos, diga-se, não acontece somente no processo construtivo. Renée explica que “não é só destruindo uma parede ou abrindo um buraco para passar uma tubulação que vai gerar resíduo”. O aumento do resíduo acontece, também, no transporte e armazenamento desse material. “Existem técnicas construtivas que diminuem a produção desse resíduo. É importante que a empresa também se preocupe com esses outros aspectos”, alerta. A Cyrela Plano&Plano, de acordo com as normas legais, conta com uma empresa cadastrada para a retirada de entulhos. Na obra, os funcionários e prestadores de serviço são treinados e capacitados para armazenar e transportar cada material para o local correto, devidamente identificado e sinalizado, o que evita desperdício e quebras e promove mais uma contribuição para a preservação ambiental.

“Além dessas técnicas, nós também trabalhamos com alvenaria estrutural, isso faz com que tenhamos em média uma redução de 25% na produção de resíduos sólidos se compararmos com uma obra convencional, porque o bloco de concreto chega à obra com a destinação certa, por andar e prumada, evitando retrabalho e geração de mais resquícios de construção”, conta, adiantando que a resistência é maior do



Renée Silveira, gerente de operações da Cyrela Plano&Plano

que o concreto convencional e até os furos de tomadas e tubulação já vem de fábrica.

A construção de um empreendimento de 300 unidades habitacionais gera cerca de 1000 a 1300 toneladas de lixo ao longo de toda a obra. Qual a destinação desse material? Na Cyrela Plano&Plano, por exemplo, a executiva Renée explica que 80% dos materiais são passíveis de reciclagem.



No almoxarifado, parte do que será usado em obras 80% dos materiais utilizados pela construtora são passíveis de reciclagem

As licenças ambientais

Para se iniciar uma obra é necessário antes obter licença ambiental, o que só é certificado após a constatação de atendimento às exigências dos órgãos responsáveis pelo meio-ambiente. Em Natal, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (Semurb) submete as empresas a uma série de fases. Para a expedição do alvará de construção, avaliam-se os projetos arquitetônicos e estruturais. Se aprovados, o início da obra é autorizado. Depois, com o empreendimento já pronto para receber os moradores, exige-se o habite-se, que é expedido pelo Corpo de Bombeiros, após avaliação. Com o habite-se apresentado, é feita uma nova avaliação de todo o projeto e execução da obra, do início ao fim, explica o secretário da Semurb, Marcelo Toscano.

Antes de obter a licença da Semurb, as empresas ainda têm que apresentar ao órgão um documento elaborado por técnicos da Secretaria Municipal de Obras Públicas e Infraestrutura (Semopi), atestando que o terreno está apto a receber o empreendimento e se atende às normas para drenagem e esgoto.

“Se a construtora não atende as nossas exigências, não consegue a licença, nem o habite-se. Nós exigimos que seja apresentado o Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos – PGRS – para acompanharmos minuciosamente a execução desse PGRS”, afirma o secretário.



Marcelo Toscano, titular da Semurb

Afirma que todas as construtoras de Natal atendem as exigências ambientais.

A liberação da obra também passa pelas exigências do Plano Diretor. As empresas devem adequar os seus projetos rigorosamente às normas. Quem não segue pode ter o seu empreendimento embargado até mesmo próximo da conclusão, como aconteceu na cidade com o hotel do grupo BRA, na Via Costeira, e os espigões erguidos por um grupo empresarial de espanhóis próximo ao Morro do Careca, em Ponta Negra. “O Plano Diretor tem como objetivo o pleno desenvolvimento das funções sociais e ambientais da cidade, e da propriedade, garantindo um uso socialmente justo e ecologicamente equilibrado do seu território, de forma a assegurar a todos os seus habitantes, condições de qualidade de vida, bem-estar e segurança, conforme dispõem os artigos 118 e 119 da Lei Orgânica do Município de Natal”, reafirma Marcelo Toscano.





A Viúva Machado

Amélia Duarte Machado, conhecida popularmente como a Viúva Machado, que personalizou um mito. Está entre aqueles que, até hoje, evocam recordações dos natalenses. Mulher de origem simples casou-se com um homem rico, enviuvou nova e herdou grande fortuna. Talvez isso tenha sido seu grande fardo, que despertou inveja e cobiça, foi vítima da criação de uma lenda que marcou a sua vida

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: Rostand Medeiros e acervo Diário de Natal

PORTUGAL, FINAL DO SÉCULO XIX para o XX. Na efervescência da nova era que estava se abrindo, navios partiam das terras de Camões para o Brasil. Os portos estavam abarrotados de homens que viam o país como a nova Índia. O Brasil se tornou um oásis de bons investimentos e latifúndios baratos. Na época, quatro portugueses desembarcaram nas terras de Poty: Antônio Martins, José Alves dos Santos e os irmãos Cláudio e Manoel Machado. Comerciantes experientes em Portugal abriram na cidade a firma Despensa Natalense, armazém dedicado ao ramo de alimentício. O negócio prosperou e virou o maior abastecedor de alimentos da provinciana Natal.

Começo de 1900, a cidade ainda trazia resquícios do século escravocrata. Extremamente ruralista, patriarcal e não republicana, mas sim oligárquica. Foi nessa Natal que Amélia Duarte Benevides veio residir com sua família. De origem humilde, eles possuíam uma pensão em Mossoró e decidiram tentar a vida na capital, abriram outra pensão no próspero bairro da Ribeira, na Rua Das Virgens, onde hoje funciona o badalado bar Buraco da Catita.

A Ribeira era o bairro mais importante da cidade, tudo acontecia em suas ruas, coração comercial, onde também se encontravam os burgueses da emergente sociedade potiguar. Localizada na parte baixa, recebia no seu limite uma grossa corrente de ferro, demarcando sua área. Mais a frente ficava o bairro chique de residências pomposas, conhecido popularmente como Cidade Alta, tendo a Catedral como ponto de encontro dos aristocratas.

A pensão simples da família Benevides começa a receber hóspedes, dentre eles um comandante de navio, que fez amizade com o português Manuel Machado. Essa amizade foi à ponte para o comerciante conhecer Amélia. Ele, um senhor de meia idade, calvo

e sisudo, que enriquecia diariamente com seu próspero comércio. Ela de imediato não viu a menor graça naquele “partido”.

A família pressionou Amélia para se casar com o melhor “partido” da cidade. Ela cedeu às pressões e no dia 22 de outubro de 1903, às 16h, na Igreja Bom Jesus das Dores, os fidalgos da província aguardavam o casamento do homem mais rico da cidade com a moça de linhagem humilde, mas de muita sorte, como diziam as solteironas ricas da terrinha. Após a cerimônia, o rico português deu uma festa nababesca para os convidados e apresentou sua esposa à sociedade natalense. A vida social do casal começa a fervilhar, muitas festas e idas ao teatro como também a todas as companhias europeias de teatro que chegavam à cidade ele oferecia jantares e almoços. Amélia passa a fazer parte da burguesia potiguar. Com o marido aprendeu a etiqueta da mesa, sobre artes e, principalmente, a arte de receber em seus salões.



Amélia Duarte Machado
ao lado do sobrinho João
Cláudio Machado

Disputa pelo estatus

Em 1910, o casal viaja à Europa. Ela foi conhecer a família do esposo em Portugal. Passam uma temporada grande no Velho Mundo e os negócios no Brasil ficam aos cuidados de Cláudio Machado, irmão de Manoel. De volta à cidade, os comentários nas ruas da Ribeira eram sobre o palacete da Rua Dom Vital, nº 504, erguido pelo comerciante Jorge Barreto Albuquerque Maranhão. O português não perdeu tempo e vislumbrou sua nova morada, que fazia jus à sua fama de homem mais rico da cidade. Procurou o comerciante e fez uma oferta irrecusável, que aceitou de imediato.

O palacete que ficou conhecida como residência era de uma opulência sem precedentes na história dos imóveis da cidade. Todo o material e ferragens vieram da Europa. No interior do lar do casal Machado, um rico acervo poderia ser encontrado. O forro de zinco francês, os lustres de cristal, bronze e alabastro. Todos os móveis em jacarandá nos estilos manuelino e Dom José. Louças Limoges, Companhia das Índias, entre outras. Do quarto do casal podia-se avistar o pôr-do-sol no Rio Potengi. Deste palacete destacam-se peças artísticas, de bronze, especialmente encomendadas em Paris na “Fonderies Du Val D’Osne-Voltaire-Paris”, que confeccionava todas as peças de bronze solicitadas pela família Albuquerque Maranhão, para embelezar as residências e prédios públicos de Natal. Um dos mistérios que cercam o palacete é se o piloto e escritor francês, Saint-Exupéri (autor do O Pequeno Príncipe) esteve no lar dos Machado. O advogado Diógenes da Cunha Lima defende que sim. Já o jornalista Vicente Serejo acredita que não.

A mudança foi radical para a jovem Amélia Duarte, que saía das ruas estreitas da Ribeira para morar na Cidade Alta, berço da emergente sociedade potiguar. Dali em diante começaram as grandes recepções na residência dos Machado. O palacete vira o clube social da nata potiguar, personalidades



Medalhões de ferro fundido da manufatura Fonderies Du Val D’Osne-Voltaire-Paris, aplicados na fachada da casa



ilustres quando chegavam à cidade eram recebidas pelo casal e autoridades locais. O português era um comerciante incrível na arte dos negócios e melhor ainda como anfitrião. Na residência mandou fazer um salão de festas que foi batizado de Clube Veneza. Um verdadeiro Cônsul natalense, era assim que os estrangeiros chamavam-no.

Nos anos 1920, Natal vivia a Belle Époque e começava a ver as primeiras aeronaves sobrevoarem



Salão de festas do palacete do casal Machado batizado de Clube Venezia, onde recebia autoridades locais e visitantes ilustres



Visita do almirante português Gago Coutinho (sentado ao meio) na residência do casal Machado (em destaque à direita)



os céus da cidade. Os pilotos lusitanos Sacadura Cabral e Gago Coutinho iniciaram a primeira fase dessas viagens internacionais. Em 1927, empresas francesas tinham o desejo de abrir novas rotas aéreas comerciais, ligando a Europa aos países da América do Sul. Dentre estas companhias, a Lignes Latécoère procurou estender seus planos até o Brasil e enviou a Natal o comandante Paul Vachet, que aqui queria construir um campo de pouso para seus aviões, para a linha Brasil-Deserto de Dakar, na África. As terras escolhidas pela companhia ficavam na vizinha cidade de Parnamirim e pertenciam ao comerciante Manoel Machado. O português visionário doou as terras para a companhia, na certeza de que iniciaria uma especulação imobiliária e a valorização de suas outras terras do lado do campo de pouso.

No dia 5 de junho de 1931 chegava a Natal o grande hidroavião alemão Dornier DO X, que tinha entre os seus tripulantes, Gago Coutinho, que foi recepcionado pelo casal Machado, segundo o historiador Rostand Medeiros.

Ricos e sem herdeiros

A vida seguia com riqueza e glamour, mas uma questão inquietava o casal Machado: o filho que nunca chegava. Foram 14 “barrigas”, 11 tiveram aborto espontâneo, três que nasceram viveram apenas alguns meses. Uma desgraça para um casal rico, mas sem nenhum descendente de sangue.

Em 1933, uma nova desgraça acomete a família. Manoel Machado adoece de um câncer na boca. Na cidade não existiam recursos suficientes e ele foi se tratar no Rio de Janeiro. Depois de longo período de tratamento e sofrimento, morreu no dia 20 de novembro de 1934, aos 53 anos na capital federal da época. Foi enterrado lá mesmo, no tradicional Cemitério São João Batista.

Depois da perda do marido, Amélia Machado retorna para Natal desolada e sem nenhum senso prático para os negócios, apenas contou com a ajuda de dois funcionários de confiança da Despesa Natalense, Aníbal Correia (avô da colunista Hlneith Correia) e Hermínio Fernandes. O único familiar que tinha era o sobrinho, o desportista João Cláudio Machado (filho de Cláudio Machado), um boêmio que só queria saber de esportes e mulheres. Tanto que o antigo estádio Machadão, hoje Arena das Dunas, foi em homenagem a ele. Ela se viu desesperada, com um patrimônio imenso, mas sem saber administrar. Recorreu ao advogado e amigo da família Ciro Barreto, pai dos empresários Álvaro Alberto, Luiz Sérgio, Mário Roberto, Elias e Maria Elisa Barreto. Ele fez o levantamento de todo patrimônio deixado pelo comerciante, loteou terras, recebeu alugueis atrasados e colocou em ordem as finanças da Viúva Machado.

No começo foi muito difícil e complicado para ela administrar seu comércio e os imóveis deixados pelo marido. Aos 53 anos, sozinha e sem filhos, foi domando o medo inicial e se tornou grande comerciante, uma afronta para a sociedade machista e patriarcal de outrora.

CASA MACHADO
A DESPESA NATALENSE

O mais antigo e conceituado estabelecimento no gênero, da linda capital potiguar. Completo e variado sortimento de gêneros de primeira necessidade, frutas verdes, verduras, conservas, bebidas nacionais e estrangeiras, etc.

Instalação frigorífica de 1.^a ordem.
Fornecedora às forças americanas e aos navios ancorados naquele porto.
Preços sem competência. Entrega a domicílio.

Rua Chile, 128 — Fone 53 — Ribeira-Natal, Estado do Rio Grande do Norte.

Manoel Duarte Machado, fundador da importante firma Viúva M. Machado, sucessora, falecido no Rio de Janeiro, aos 20 de novembro de 1934



Manoel Duarte Machado
7.^o DIA

Ox auxiliares da firma M. MACHADO, profundamente compungidos com o falecimento do seu querido e saudoso chefe MANOEL DUARTE MACHADO, ocorrido no dia 20 deste, no Rio de Janeiro, convidam os seus amigos e admiradores para assistirem as missas de 7.^o dia que em suframa de sua alma mandam celebrar segunda-feira, 26 deste, às 7 horas, na Cathedral.

Antecipam agradecimentos

O GALA DA NOITE

FLIT e HONRA certo

FLIT e HONRA certo

De esposa a grande comerciante

Ano de 1939, estoura a Segunda Guerra Mundial, Natal é escolhida como base para os militares. Nas ruas da cidade não se falava em outra coisa. Os comerciantes da Ribeira esperavam ansiosos a chegada dos militares norte-americanos. Moças que vinham do interior para tentar a sorte nos cabarés que iam surgindo no período. Dona Amélia Machado preparava-se para os dias de bonança. A sua Despensa Natalense começou a abastecer a base dos militares, conhecida como Parnamirim Field.

Durante a guerra, a tensão era iminente na cidade. Dona Amélia mandou construir um abrigo antiaéreo no seu quintal, com direito a respiradouros e duas passagens camufladas. Os militares depositavam tanta confiança na comerciante que ela chegou a cadastrar interessados em prestar serviços na base americana. Serviu de ponte entre esses homens e oficiais americanos, que precisavam de braços fortes para trabalhar na limpeza de terrenos e em reparos nas pistas de pouso.

Depois da guerra, no início dos anos 50, a destemida comerciante começa a cansar. Sem filhos e precisando de ajuda, decide adotar o jovem Humberto Micussi, um dos filhos do arquiteto italiano Leonardo Micussi (que projetou o Palácio Felipe Camarão, sede da prefeitura de Natal, e a casa da família Ferreira de Souza, onde hoje é o Potengi Flat). O jovem se casa com a senhora Joana D'arc e constituem uma prole de quatro filhos.

Todos moravam no palacete da Rua Dom vital. A cada dia que se passava as doenças da idade iam pesando para a mulher de pulso forte e coração bondoso. Ela foi ficando mais reclusa. Católica fervorosa, saía apenas para as missas da Igreja do Rosário dos Pretos, que ficava de frente para a sua residência.



A FORTUNA

O português Manoel Machado era um visionário. Com o tino maravilhoso para os negócios, entre armazéns e alugueis de imóveis, investiu em terras que ninguém queria ou imaginava haver especulação. Era proprietário do Guarapes, Pitimbu, boa parte da cidade de Parnamirim, do bairro de Petrópolis, terras em Macaíba e terrenos no bairro de Ponta Negra. Um deles, por exemplo, é a Casa dos Padres, residência construída em um terreno doado por Amélia, em devoção à Igreja Católica. Foi uma mulher rica, de patrimônio imenso para a época, mas a herança deixada pelo marido foi paralísada e dilapidada pela família com o tempo, nada se comprava ou aplicava-se, tudo se vendia, segundo o jornalista Paulo Henrique Oliveira.



M. Machado & Cia.

COMISSÃO, CONSIGNAÇÃO E CONTA PRÓPRIA

Telegr.: "Machado"—Caixa Postal n. 20—Codigo teleg. "Ribeiro"

Rua do Commercio n.º 40

AVENIDA TAVARES DE LYRA

Importação directa de generos de estiva

Exportadores de generos do paiz

Deposito permanente de Farinha de trigo, de mandioca, cimento, arame lizo, galvanizado e farpado, asucar demerara, mascavo, sal, madeiras de construção, cedro, louro, acapú, amarello, & &

Secção de Seguros e Navegação--Agentes das companhias de Navegação a Vapor do Maranhão e de Seguros Terrestres e Maritimos "Amazonia", com sede em Belem do Pará. Opéra as melhores taxas.

Rio G. do Norte—Natal—Brazil

O capitalista e rico comerciante Manoel Machado, que foi um visionário na compra de terras onde ninguém queria

LENDA URBANA

Durante o período de reclusão por conta das doenças da idade, começava uma lenda que até hoje povoa o imaginário dos natalenses: a história da Papa Figo, que Amélia virou protagonista. Os boatos se espalhavam dia após dia, diziam que ela sofria de uma doença raríssima, incurável, daí fez um pacto com o demônio, que lhe disse para comer fígado de criança que reestabeleceria sua saúde.

“Menino, sai da rua que lá vem a Papa Figo”, era assim que os pais diziam aos filhos, amedrontando-os a não ficarem nas ruas. Assim Dona Amélia passou a ser tratada pelas classes pobres e até mesmo pelos ricos que acreditavam numa sandice dessas. Os adultos passaram a não deixar suas crianças brincarem perto de sua casa e chegavam a dizer que carros pretos andavam caçando crianças que ficavam até tarde nas calçadas, que seriam levadas até o palacete para virarem jantar da Viúva Machado.

Boato descabido, nunca houve comprovação de nada. Foi crucificada pelo simples fato de ter sido uma mulher rica, que mandou no comércio da cidade por um bom tempo, teve pulso forte para enfrentar as adversidades da viuvez prematura, conseguiu o respeito de autoridades e militares. Mas a sociedade machista da época não perdoou o fato dela ter tido destaque no âmbito social e econômico dentro da provinciana Natal.

Amélia Duarte Machado foi uma mulher de grandes posses, mas sem nenhum deslumbramento ou afetação. Era vesga e baixinha, de hábito simples, não ostentava joias e depois da morte do esposo adotou o luto nos trajés.

No ano de 1978, o jornalista Vicente Serejo, do antigo jornal Diário de Natal, procurou o senhor Luiz G.M. Bezerra, amigo da família da Viúva Machado, identificou-se e solicitou entrevistá-la para uma matéria sobre a sua vida. Seu Luiz ligou para Dona Amélia e obteve o sim. Data e hora combinados, “cheguei e me deparar com uma senhora alegre e muito educada. Foram duas horas de entrevista e apresentação do palacete”, conta Serejo, que no final da entrevista fez a temida pergunta sobre Papa Figo. Ela deu uma sonora gargalhada e respondeu: “Isso nunca existiu, foi pura maldade das pessoas, por conta do patrimônio que meu marido me deixou”.

A Viúva Machado morreu em 1981, no seu palacete, com quase 100 anos.



Da varanda de seu quarto de onde observava, reclusa, o movimento da rua

O SILÊNCIO

Tentei por várias vezes conversar com a família para que contasse toda a história e desvendasse os mistérios em torno de Amélia Duarte Machado. Os quatro herdeiros, netos da viúva, recusaram-se a falar ou colaborar com a matéria. Todas as informações foram obtidas por meio de jornais, documentos, em entrevistas com o historiador e escritor Rostand Medeiros, jornalistas Vicente Serejo e Paulo Henrique Oliveira e com o advogado Diógenes da Cunha Lima, presidente da Academia de Letras Norte-Rio-Grandense.

Primeiro presidente do Brasil a nascer no século XX, Juscelino Kubitschek deixou a medicina para construir seus ideais políticos, entre eles a fundação da capital federal no inóspito cerrado. Conversamos com sua filha Maria Estela, que contou detalhes da vivência em família e na política, e sobre a grande amiga potiguar

Memória

JK

Por Camila Pimentel

Fotos: Acervo da família e Memorial JK



AO OUVIR O NOME de Juscelino Kubitschek, o brasileiro rapidamente lembra que foi o fundador da capital do país, Brasília, em pleno cerrado. Foi o presidente que ousou anunciar um programa de governo 50 anos em 5 – 50 anos de progresso em 5 anos de realizações, respeitando as instituições democráticas. Alcançou o conjunto de 30 objetivos, em diversos setores da economia, que ficou conhecido como Programa ou Plano de Metas. Até que veio mais uma, a 31ª, chamada de meta-síntese: construir Brasília e levar para lá a capital federal. Desafio feito e cumprido.

Fomos buscar mais detalhes sobre quem foi JK. Conversamos com a herdeira Maria Estela. A filha que adotou com a esposa Sarah Kubitschek, com teve a Márcia Kubitschek. Mineiro da cidade de Diamantina que nasceu no dia 12 de setembro de 1902, Juscelino foi o quinto presidente com origem em Minas Gerais, eleito presidente pelo voto direto. Antes de assumir a Presidência do Brasil (1956-1961), foi prefeito de Belo Horizonte (1940-1945) e, entre 1951 e 1955, governador de Minas Gerais. No último dia 22 de agosto, completou 38 anos da sua morte.

Um presidente que abriu mão do luxo do Palácio do Catete, sede do governo federal até o ano de

1959, no Rio de Janeiro, para morar no Catetinho, primeira residência de JK em Brasília, uma casa de madeira, espécie de anexo do Catete, construída no meio do cerrado, preservado até os dias de hoje. Para cumprir o seu plano de metas era preciso acompanhar de perto a edificação da mais nova cidade do Brasil e que passaria a sediar o Executivo brasileiro. No Catetinho, JK também despachava como presidente da República.

No dia 21 de abril de 1960, Juscelino cumpriu o que prometera aos cidadãos brasileiros e inaugurou Brasília. Durante todo o seu mandato, o país viveu um período de desenvolvimento econômico e uma relativa estabilidade política. Juscelino tinha um estilo inovador de governar, que conquistou a simpatia e confiança do povo brasileiro.

Maia Estela Kubitschek, que atualmente mora no Rio de Janeiro e herdou a veia política do pai, é vice-presidente do PSDB da capital fluminense. Apoia o candidato Aécio Neves (PSDB) para presidente do Brasil. Em entrevista exclusiva à nossa equipe, contou um pouco da convivência com o pai. Casada com o engenheiro Rodrigo Lopes, filho do primeiro ministro da Fazenda do governo JK, Lucas Lopes, com ele tem três filhos, que lhe deram quatro netos.

PAI ALEGRE E COMPANHEIRO

De acordo com Maria Estela, JK foi um pai que muitos sonham em ter: alegre, inteligente, simpático, amigo e companheiro das filhas em todos os momentos. “Ele era parceiro constante e nós também, Márcia e eu. Aprendi com ele o que é cidadania e como devemos exercê-la sempre, defendendo a democracia, nossos direitos e a liberdade”, conta.

Maria Estela lembra que quando o então presidente Getúlio Vargas se suicidou, em 1954, seu pai era o governador de Minas Gerais e estava à frente do programa de Governo, chamado “Energia e Transporte”. Foi nessa época que surgiu a CEMIG- Companhia Energética de Minas Gerais, e que serviu de exemplo para todo o país, inclusive como base para criação da Eletrobras. “Seu trabalho em Minas fez com que o seu partido, o PSD (antigo), o indicasse na convenção à Presidência do Brasil. A eleição foi o desafio que mais uma vez JK enfrentou e venceu”, lembra.

A filha de JK também afirmou que a relação de entre seu pai e sua mãe, Dona Sarah Kubitschek, era de muito amor e, sobretudo, companheirismo. “Mamãe, embora dissesse que não gostava de política,



Márcia, Maria Estela e JK



JK leva a filha Maria Estela ao altar



Jornal da época registra o casamento de Márcia Lisboa

abraçou-a com vigor e uma paixão extraordinária. Ela não era apenas a esposa ou primeira-dama. Mais do que isso, ela era parceira e dedicou seu tempo e sua vida às filhas, ao marido e ao trabalho social. Temos como exemplo, e razão de muito orgulho para mim, a obra do Hospital Sarah, referência mundial e que hoje não se encontra somente em Brasília, mas também em outras cidades do Brasil. Mamãe era o esteio

que sustentava papai, que, embora muito forte, muitas vezes precisava de seu apoio e solidariedade. Melhor exemplo desta união foi o fato dos dois terem enfrentado o exílio sozinhos, um ajudando ao outro nas horas mais difíceis, em que a saudade da família e do Brasil batia forte”, relata Maria Estela.

O exílio foi um período difícil para o casal JK e Sarah. Após deixar o cargo de presidente do Brasil, foi

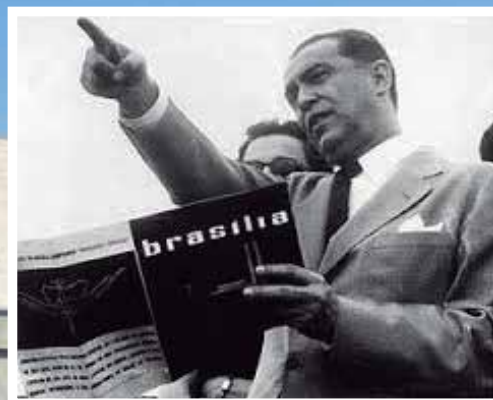
eleito senador pelo estado de Goiás, mas, com o golpe militar de 1964, teve os direitos políticos cassados e teve que deixar o Brasil por três anos. Morou em Lisboa (Portugal), Nova York (Estados Unidos) e Paris (França). No exílio, a ex-primeira-dama Sarah Kubitschek era responsável por todo o serviço doméstico de um pequeno apartamento de dois quartos. JK partiu para o exílio no dia 13 de junho de 1964 e retornou ao Brasil no dia 9 de abril de 1967.

A família era o eixo principal da vida política de JK. Maria Estela conta que o pai fazia questão de que e ela e a irmã Márcia o acompanhassem em todos os momentos importantes da política e também do desenvolvimento do Brasil. “Sempre que possível nos levava em suas viagens, visitando quase todos os estados, para que pudéssemos aprender e conhecer nosso país. Seu entusiasmo pelas obras era contagiante e eu ficava fascinada quando estava ao seu lado e ouvia os seus discursos, observando a construção de um novo Brasil. Quando digo que Brasília é “minha irmã caçula” é porque a vi nascer, crescer e transformar-se na Alvorada do novo país”, declara.

A IDEIA DA CAPITAL FEDERAL

A história de Brasília está ligada diretamente com a trajetória de Juscelino Kubitschek. A ideia de construir uma cidade planejada surgiu bem antes de JK assumir o cargo mais alto do país. “A ideia da construção de Brasília já existia na vida de meu pai, desde quando constituinte em 1946. Na Constituição de 1937, haviam retirado o item da transferência da capital para o interior e foi JK, como deputado federal, que, pedindo a palavra no Congresso, apresentou a proposta e pediu que se colocasse novamente o projeto da transferência da capital, que constasse nos anais do Congresso, e assim aconteceu. Portanto, ele sabia o quanto era importante a mudança da capital para o interior. O Plano de Metas, se bem observado, nos mostra que todas as promessas ali propostas já eram para viabilizar a construção da nova capital”, atesta Maria Estela

“Eu, ainda garota, não tinha noção da dimensão e uma coisa que nunca me esqueci é de que no colégio, quando pequena, os alunos eram obrigados a desenhar o mapa do Brasil e nele colocar um quadrado que dizia “Futuro Distrito Federal”. Para mim era um sonho, mas vi o sonho ser realizado por meu pai”, orgulha-se.



MEMÓRIA E MORTE QUE INSTIGA

Juscelino Kubitschek morreu de forma trágica, em um acidente de carro na Via Dutra, que liga os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, exatamente na cidade de Rezende (RJ). Segundo investigação à época, o motorista de JK, Geraldo Ribeiro, perdeu o controle do carro, uma modelo Opala, e foi atingido por uma carreta.

Um fato curioso intriga até hoje. 15 dias antes da morte de JK, correu um boato de que ele sofrera um acidente e não resistiu. Imediatamente jornalistas se deslocaram até a fazenda de JK em São Paulo, e o encontraram vivo e disposto.

As lembranças de Juscelino permanecem vivas na memória do país. Muito pode ser conhecida no Memorial JK, em Brasília, presidido pela neta Anna Cristina Kubitschek, filha de Márcia, que morreu no ano de 2000, vítima de cirrose hepática. Anna Cristina é casada com o empresário Paulo Octávio, ex-vice-governador do Distrito Federal, proprietário dos principais shoppings, hotéis e concessionárias de Brasília.

A ideia do memorial partiu de Sarah Kubitschek, que percorreu o Brasil em busca de recursos para manter viva a memória do ex-presidente. “Quando papai faleceu, ainda sob o impacto da tragédia que tirou a vida dele, poucos dias depois minha mãe me chamou. Queria que eu fosse com ela à casa de Oscar Niemeyer para pedir-lhe um projeto para a construção de um memorial onde pudesse não só abrigar os restos mortais de JK, mas também que fosse um local dinâmico, onde as pessoas pudessem visitar e conhecer Juscelino e sua grande obra.

A emoção tomou conta de nós três e alguns dias depois o grande amigo e arquiteto nos chamou e



Jornais destacam o acidente que matou o presidente que fundou Brasília

nos mostrou o projeto. Era ainda no período da ditadura e nós não tínhamos nem permissão e nem terreno, somente a vontade da grande mulher que novamente mostra a sua força e pediu um terreno em Brasília e saiu pelo Brasil arrecadando recursos para a construção. E lá está hoje o lindo Memorial JK, com a figura do fundador abençoando a capital”, discorre Maria Estela Kubitschek.

“É muito mais significativo do que qualquer outro monumento construído para um presidente. Ele é igual a JK: imponente, nobre, dinâmico e onde podemos não só conhecer, visitar o túmulo de JK, mas, sobretudo, ‘encontrar JK’ com seu sorriso, sua alma e sua confiança no povo e no Brasil, através de todo o acervo que lá se encontra”, exprime.

Sarah Kubitschek viu o seu sonho concretizado ao erguer o Memorial JK e inaugurá-lo no dia 12 de setembro de 1981. A ex-primeira-dama morreu no dia 4 de fevereiro, em Brasília, aos 87 anos, de parada cardiorrespiratória.





Última foto de Juscelino com Sarah



Sarah e Maria Estela, em 1988

MAIS LEMBRANÇAS

Sobre suas principais lembranças e o que mais sente falta, Maira Estela, diante das inúmeras, sentiu dificuldade de defini-las. Mas, destacou: “O que mais me lembro com saudade é dos nossos papos amigos, os quatro, sentados ou deitados à noite (quando ele chegava), conversando sobre nossos sonhos e problemas, juntos e unidos no sentimento de um forte laço que nos unia. É do que mais sinto saudade”.

Maria Estela Kubitschek escolheu o Rio de Janeiro para morar. Em 2006, foi companheira de chapa, como vice-governadora, de Eduardo Paes ao Executivo, pelo PSDB. Ele, atual prefeito da capital, pelo PMDB. Na época, perderam a eleição para Sérgio Cabral (PMDB).

“Moro no Rio de Janeiro desde que vim de Belo Horizonte, quando papai foi eleito presidente. Daqui me afastei quando fomos para Brasília, depois da inauguração do Palácio da Alvorada, residência oficial do presidente República. Quando me casei, fui morar nos Estados Unidos, onde

meu marido fez um estágio de trabalho. Depois viemos para o Rio e aqui nasceram meus filhos e fiz desta cidade maravilhosa também a minha cidade. Digo que sou dividida em três partes: mineira, com muito orgulho; carioca de paixão e coração, e irmã mais velha é Brasília”.

Sobre as eleições presidenciais deste ano, Maria Estela defende a candidatura do tucano Aécio Neves. “Como filha de político e, embora seja a filha adotiva de Juscelino e Sarah, acredito que a política corre nas minhas veias. Atualmente sou vice-presidente do Diretório Municipal do PSDB do Rio de Janeiro e, mais do que tudo, tenho atuado intensamente na candidatura de Aécio Neves para presidente da República, não só pelas qualidades que ele possui como político e administrador, como também pela amizade que sempre uniu nossas famílias, mas, sobretudo, porque vejo que o Brasil precisa dele para realizar o sonho do desenvolvimento, reconquistando também o respeito pela política séria”, afirma a filha de JK.

LIGAÇÃO COM O RN

Ao saber que a Revista BZZZ é editada em Natal, Maria Estela Kubitschek fez questão de destacar a amizade com a natalense Maria Elisa Barreto. Uma das minhas melhores amigas, desde a adolescência, quando papai era presidente. Esta amizade permanece até os dias de hoje, com a mesma união e carinho. Sou madrinha de uma de suas filhas. Com papai, fizemos várias viagens juntas. Portanto, tenho uma quase irmã do Rio Grande do Norte”.

Maria Elisa é filha do saudoso Ciro Barreto, e irmã dos empresários Álvaro Alberto, Luiz Sérgio, Mário Roberto e Elias Barreto. É mãe do banqueiro João Dionísio Amoedo, idealizador e presidente do Partido Novo, legenda que ainda busca o registro do TSE, formado por um grupo de executivos e profissionais liberais, com a ideia de gerir o país nos moldes empresariais. João Dionísio foi entrevista de capa da edição de outubro de 2013 da BZZZ.



O FIM DO *Juvenal* *Lamartine* (?)

Estádio inaugurado na década de 20, numa das áreas mais nobres no mercado imobiliário de Natal, vive completo abandono e agora é motivo de ação na Justiça envolvendo Ministério Público e Governo do Estado

Por Louise Aguiar

Fotos: Blog do Trindade,
Francisco José Oliveira e Divulgação



QUEM HOJE VÊ A Arena das Dunas imponente no coração de Lagoa Nova, em Natal, não imagina que foi o bairro do Tirol o grande protagonista do futebol potiguar algumas décadas atrás. Era no Estádio Juvenal Lamartine, em plena Avenida Hermes da Fonseca, que a grande paixão do brasileiro ganhava os gramados. Hoje, abandonado, mantido no sacrifício pela Federação Norte-Rio-Grandense de Futebol (FNF), em vez de jogos, o estádio se tornou palco de uma briga judicial.

Tudo começou quando o Ministério Público Estadual ajuizou uma ação civil pública em primeira instância, no ano de 2012, solicitando que o estádio fosse declarado de valor histórico e cultural para a capital. O juiz Airton Pinheiro indeferiu o pedido, e sequer citou o Estado para se explicar, classificando a solicitação como “esdrúxula”. Palavra que surpreendeu o MPE, que, então, apelou para o Tribunal de Justiça. Foi quando o desembargador Cláudio Santos intimou o Estado a se manifestar e julgou procedente o pedido da Instituição que tem o dever de defender a ordem jurídica, o regime democrático e os interesses sociais e individuais indisponíveis, declarando, portanto, o Juvenal Lamartine como de valor histórico e cultural de Natal.

O Estado, por sua vez, entrou com um embargo de declaração, tipo de recurso que pede que o TJ esclareça a decisão proferida pelo magistrado. Desde então não houve mais trâmite processual na ação. A expectativa é de que o governo recorra da decisão no Superior Tribunal de Justiça (STJ).

Embora queira impedir que o Estádio Juvenal Lamartine se torne de valor histórico e cultural para a cidade e, portanto, proibido de ser vendido, o Estado nunca se pronunciou oficialmente sobre uma possível venda do espaço. Pelo contrário. Em 2011, a governadora Rosalba Ciarlini, ao lado da secretária de Infraestrutura (SIN), Kátia Pinto, apresentou um projeto de reforma e reestruturação do estádio, mas jamais saiu do papel. A ideia era que o novo estádio fosse apresentado antes da Copa do Mundo de 2014. Não aconteceu. E o abandono continua.



Segundo o presidente da FNF, José Vanildo, o governo estadual apresentou o projeto, mas um mês depois recuou. “Como é que o poder público cria um projeto e dias depois chega à conclusão de que algo que ele mesmo criou não é viável?”, questiona. Segundo a Secretaria Estadual de Infraestrutura, por meio da sua assessoria de imprensa, outros estudos feitos pelo órgão apontaram que não seria possível uma obra de ampliação ou reforma do Juvenal Lamartine, sob a justificativa de que o espaço não atende às normas atuais de segurança do Corpo de Bombeiros e de acessibilidade para uso coletivo. Além de “não oferecer conforto, logística (local para estacionamento), segurança, funcionalidade e qualidade dos serviços prestados aos usuários”, informa o comunicado da SIN. A Secretaria também informa, embora sem detalhar, que o governo tem projeto arquitetônico para a construção de um novo estádio,

mas ainda sem local definido para a obra.

José Vanildo diz que, apesar das dificuldades, o estádio é o mais utilizado pelo futebol amador do Rio Grande do Norte, e poderia se tornar um grande centro de formação de jogadores se o poder público investisse no equipamento. “O Juvenal Lamartine é utilizado como mando de campo de clubes de Currais Novos, Parnamirim e Natal para os campeonatos Sub-19, mas é fechado para as torcidas, o que de certa forma desmotiva e desestimula”, desabafa.

A privação do público é uma medida de cautela da FNF, já que o próprio José Vanildo reconhece que o estádio não oferece estrutura física com segurança, acessibilidade e conforto para o torcedor. “Mesmo assim, temos um campo de futebol razoavelmente adequado, claro que com deficiências, mas que é possível usar. Como o poder público não investe na formação de base e os campos de bairro acabaram devido à es-



peculação imobiliária, só temos o JL”, explica.

O estádio é utilizado de maneira alternativa pelo América Futebol Clube e abriga treinos e partidas do Alecrim, Palmeiras das Rocas, Natal, Guarani, Atlético Potengi, entre outros. A estrutura é pequena: uma bola, uma ambulância e cinco funcionários. “Mas tudo isso é feito a um custo praticamente zero para os clubes, e a Federação não recebe apoio nenhum do Governo do Estado”, pontua.

José Vanildo conta que os gastos mensais com a manutenção do estádio giram em torno de R\$ 9 mil. Despesas que incluem cinco funcionários, taxa de lixo, água e energia, além de os sindicatos dos cronistas esportivos e dos árbitros. “Apesar de tudo, ainda é a Federação de Futebol que fomenta o esporte no Rio Grande do Norte. São as ligas de Goianinha com 40 clubes, Assu com 30, Mossoró com mais 15 clubes”, diz.



José Vanildo, presidente da FNF



Presidente mostra projeto de centro de formação de atletas amadores

Projeto

A ideia da FNF era transformar o Juvenal Lamartine em um centro de formação de atletas amadores. A localização privilegiada e a estrutura já existente facilitariam todo o processo. “Tenho tido cautela e uma luta muito grande para garantir aquele patrimônio. Todo dia aparecem propostas mirabolantes para lá. Sou contra construir alguma coisa”, enfatiza o presidente da FNF.

Além de um centro de formação, a FNF queria fazer do Juvenal uma arena multiuso. Na área da frente do estádio haveria um mini-shopping com algumas salas que seriam alugadas a estabelecimentos, como restaurantes e churrascaria. O campo de futebol seria utilizado para a prática do esporte amador e alguns jogos da segunda divisão, bases e comunidades. O projeto foi orçado em R\$ 12 milhões.

O presidente da FNF revela que recebeu mais

de dez investidores interessados no projeto, mas a ideia não teve o apoio do ator principal, o governo do Estado. O Executivo, então, apresentou outro projeto, de orçamento mais baixo, mas recuou da ideia um mês depois. Concluiu, segundo a SIN, que não haveria viabilidade para uma reforma no espaço. O Juvenal Lamartine teria que ser transferido para outro lugar.

Chegou-se a falar, inclusive, em leiloar o terreno e construir um novo estádio na Zona Norte. A imprensa noticiou, também, a ideia de erguer um hospital onde hoje funciona o Juvenal Lamartine. Nada vingou. E as ideias ganharam um opositor ferrenho. “É a minha primeira luta à frente da Federação. Sou contra a venda, acho que o JL pode ser muito bem utilizado. Não há intenção de auferir lucro, mas utilizar ele na prática do futebol amador”, afirma José Vanildo.

Vereadora sugere centro esportivo e cultural

Elpídio Junior

Desde que surgiram informações sobre venda do espaço ou construção de um hospital que a vereadora e professora Eleika Bezerra (PSDC) se posiciona contra. Em sua opinião, seria destruir uma área que tem história para o Rio Grande do Norte. “Agora que a Justiça proibiu qualquer alienação, isso nos dá certa tranquilidade de que não se farão negociações ali”, destaca.

Eleika defende que o uso do Juvenal Lamartine seja em benefício do público. O mais próximo do que ela apoia para a área seria a construção de um centro cultural, de esporte e lazer. A ideia mais recente que a encantou, porém, foi a de uma biblioteca parque. “Existe em Manguinhos, no Rio de Janeiro, e estou me organizando para ir visitar. Quem sabe não poderíamos ter uma dessas?”, informa.

De acordo com a vereadora, a Câmara Municipal de Natal colocou no Plano Plurianual a construção de quatro bibliotecas, uma em cada zona da capital. “Quem sabe aquela área não poderia abrigar não só a biblioteca, mas um centro cultural e esportivo. Há o bairro de Mãe Luiza, muito populoso, Petrópolis, Tirol. Seria um grande benefício para a comunidade”, opina.

Também concorda que se deve investir no cam-



Vereadora Eleika Bezerra propõe a construção de um centro cultural e esportivo no local

po de futebol do Juvenal Lamartine para que os times de base possam treinar e jogar. “Poderia ser um espaço para formar as equipes de base do nosso Estado”, diz, concordando com José Vanildo.





Juvenal Lamartine nos tempos áureos, quando as multidões se reuniam para assistir aos jogos

História

Inaugurado em 1928, o Estádio Juvenal Lamartine realizou o primeiro jogo no dia 28 de setembro, numa partida entre ABC e Cabo Branco (PB), que terminou 5 a 2 para o time da casa. O primeiro gol marcado no estádio foi do jogador conhecido como Deão, do alvinegro. O nome do estádio foi em homenagem ao governador na época, Juvenal Lamartine de Faria, que teria comprado o terreno de um particular por 74 contos de réis e doado.

Conforme a história conta, o projeto do JL foi do engenheiro Clodoaldo Caldas. A capacidade do estádio era de 600 pessoas sentadas na arquibancada e três mil ao redor do campo. A construção do espaço teria levado apenas seis meses. Na época, a capital potiguar possuía cerca de 30 mil habitantes, en-



tão, o campo de futebol era considerado enorme para a década de 20. Logo, logo, o JL se tornou o principal campo de futebol da cidade.

De acordo com o que escreveu o historiador Luís da Câmara Cascudo, foi em 1946 que o Juvenal Lamartine recebeu as primeiras luminárias e passou a sediar jogos à noite. Antes, as partidas só poderiam ser realizadas durante o dia. A primeira partida noturna aconteceu no dia 13 de julho, entre América e Treze (PB). Foi somente em 1972, com a inauguração do estádio Castelão – que em 1989 passou a se chamar Machadão, e hoje Arena das Dunas, que o Juvenal Lamartine perdeu o reinado de principal campo de futebol da cidade. Desde então, amarga o abandono. O descaso.

Drog. Guararapes ganha primeiro título de 84

A equipe feminina da Drogaria Guararapes é a primeira campeã metropolitana de futebol, após derrotar a Cidade do Sol, por 3x1, jogo decisivo realizado na noite de sábado, no Juvenal Lamartine.

A equipe droguita teve seu título colocado em dúvida após perder na quarta-feira anterior para o mesmo adversário, parecendo estar perdendo sua liderança, porém, sábado, mostrou um futebol agressivo e objetivo, ganhando até com certa facilidade.

A grande goleadora da partida foi Margareth, com três bonitos gols, enquanto Cidade do Sol fez o seu gol através penalidade máxima.

O time da Drogaria Guararapes formou com Noida, Sílvia, Ana, Catari e Lourdinha (Cléa), Dora, Vera e Célia, Selma, Margareth e Beta. Sendo um elenco dos mais reduzidos, conta com apenas 14 jogadores, as outras duas campeãs são Aparecida e Selma II. O técnico é Coemo Barbosa, diretor técnico, José Paiva Torres.



D. Guararapes é pioneira no futebol feminino, como campeã

Após a partida, jogadoras e dirigentes festejaram a conquista do título até madrugada, no bar Hong Kong, quase em frente ao estádio Juvenal Lamartine e, no domingo, os festejos continuaram em Santo Antônio do Potengi, onde moram quase todas as jogadoras.

O campo também foi palco de jogos de futebol feminino



Rodada final para as class

Clássico decide mesmo
Um ponto de vantagem do ABC aumenta a emoção do jogo

Alecrim foi poeira até



DOPING PROVOCA REVIRAVOLTA

PODE SER ÚLTIMA CHANCE DO MICO

Os jornais que destacam o Juvenal Lamartine são do rico acervo de Marcos Trindade

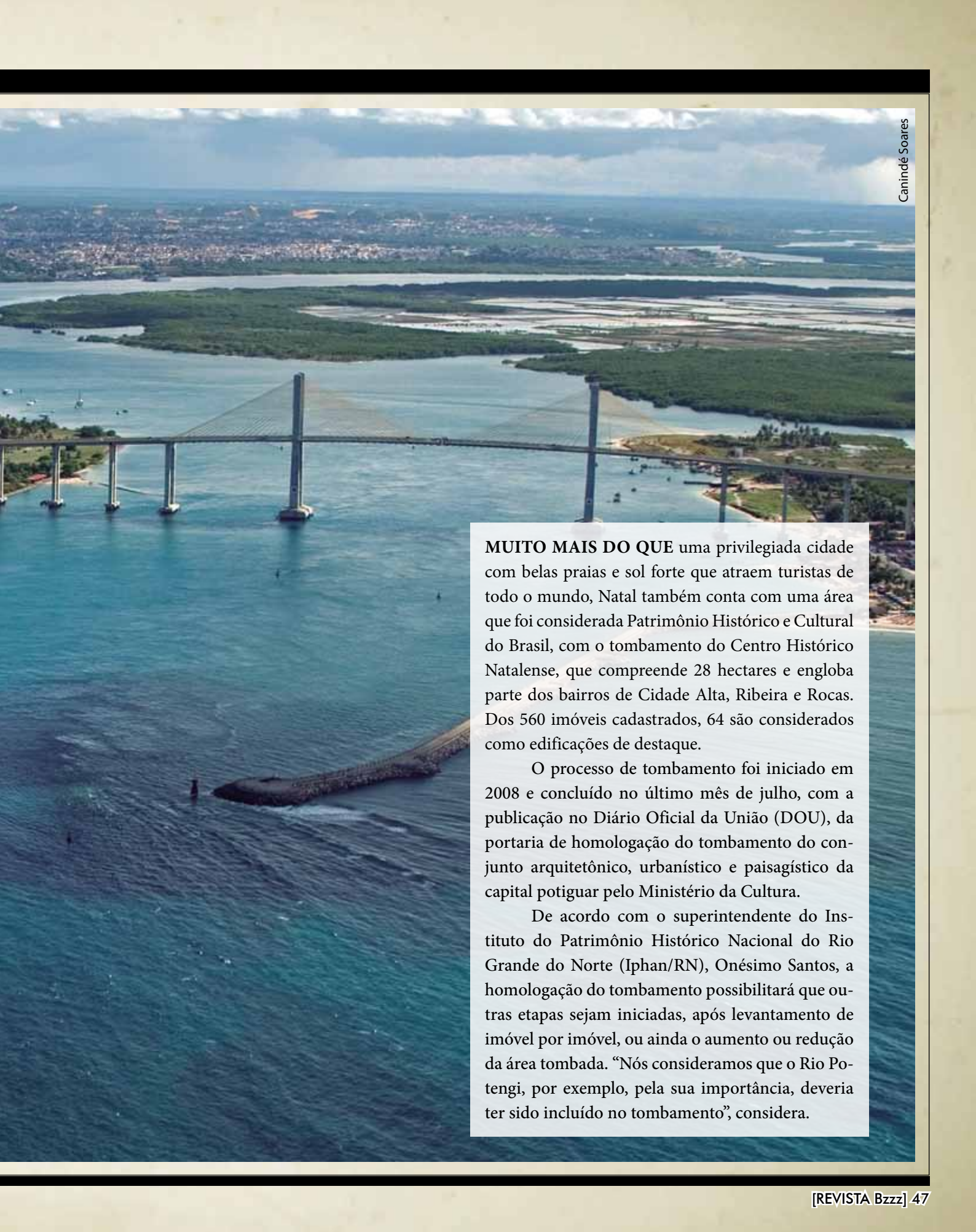


Bela e histórica

Cidade banhada pelo majestoso Rio Potengi, cenário de lindas edificações, poesia, arte, fortuna e glamour, a capital do Rio Grande do Norte passa a integrar, oficialmente, o seletto grupo do Patrimônio Histórico e Cultural do Brasil

Por Juliana Manzano

Fotos: Canindé Soares, João Neto e
Assessoria Setur



MUITO MAIS DO QUE uma privilegiada cidade com belas praias e sol forte que atraem turistas de todo o mundo, Natal também conta com uma área que foi considerada Patrimônio Histórico e Cultural do Brasil, com o tombamento do Centro Histórico Natalense, que compreende 28 hectares e engloba parte dos bairros de Cidade Alta, Ribeira e Rocas. Dos 560 imóveis cadastrados, 64 são considerados como edificações de destaque.

O processo de tombamento foi iniciado em 2008 e concluído no último mês de julho, com a publicação no Diário Oficial da União (DOU), da portaria de homologação do tombamento do conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico da capital potiguar pelo Ministério da Cultura.

De acordo com o superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional do Rio Grande do Norte (Iphan/RN), Onésimo Santos, a homologação do tombamento possibilitará que outras etapas sejam iniciadas, após levantamento de imóvel por imóvel, ou ainda o aumento ou redução da área tombada. “Nós consideramos que o Rio Potengi, por exemplo, pela sua importância, deveria ter sido incluído no tombamento”, considera.



Mapeamento dos prédios tombados

No ano passado, o Governo Federal anunciou um investimento de R\$ 1,6 bilhões no Programa PAC Cidades Históricas, que se propõe a desenvolver e proteger o patrimônio material em 44 cidades brasileiras, com recuperação e revitalização das cidades, além da restauração de monumentos e o desenvolvimento econômico e social. Destes recursos, R\$ 43,4 milhões foram destinados para Natal, que tem na lista nove prédios históricos, 11 praças e espaços públicos na Cidade Alta, Ribeira e Rocas a serem restaurados.

As nove edificações tombadas e que passarão por restauração são o Forte dos Reis Magos, Casarão do Arquivo Arquidiocesano, Casarão da Escola de Dança do Teatro Alberto Maranhão, antigo Hotel Central, Armazém Real da Capitania (antiga casa do padre João Maria), Palácio Felipe Camarão (sede da prefeitura), Teatro Alberto Maranhão, antigo Grupo Escolar Augusto Severo e o prédio da Secretaria de

Tributação do Município (Semut).

Além deles, onze praças do Centro Histórico serão requalificadas: André de Albuquerque, Padre João Maria, Santa Cruz da Bica, Sete de Setembro, das Mães, do Estudante, Augusto Severo, Coronel José da Penha, João Tibúrcio, Djalma Maranhão, Dom Vital e, ainda, o Largo do Memorial Câmara Cascudo e a Parada Metropolitana.

A execução das obras – ainda não iniciada – foi distribuída entre a Prefeitura Municipal de Natal, Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e o Iphan. Os recursos na ordem de R\$ 43 milhões serão disponibilizados até 2015.

A Subsecretária de Turismo do Estado e responsável pelo PAC, Cidades Históricas no RN, Rute Pinheiro informou à reportagem que a elaboração de um projeto macro para todo o Centro Histórico



Canindé Soares

de Natal foi realizada pela empresa Cunha Lanfermann – contratada via licitação pelo valor de R\$ 2,228 milhões -, que entregou os estudos de concepção no dia 1º de março deste ano. Antes, as áreas que irão passar por restauração foram selecionadas, pois os projetos executivos já haviam sido iniciados.

“A proposta deste macroprojeto é criar em Natal um museu a céu aberto, onde tanto o potiguar quanto o turista possa passear e conhecer nosso Centro Histórico, respirando a história da nossa cidade através dos prédios e suas belas arquiteturas. Com a oficialização do tombamento poderemos conseguir ainda mais incrementos para criar uma infraestrutura adequada para quem nos visita”, explica Rute Pinheiro. Acrescenta que o macroprojeto inclui obras de acessibilidade, informações turísticas, fiação elétrica, iluminação e recuperação de fachadas.

A Secretaria de Estado do Turismo (Setur) será a executora das restaurações do Teatro Alberto Maranhão, Escola de Dança do TAM e da requalificação das 11 praças abrigadas na área do Centro Histórico, que consumirão cerca de R\$ 25 milhões dos recursos destinados, ou seja, 58% do total. Os projetos das praças, além de ser analisados pelo Iphan, também passarão por aprovação da Caixa Econômica Federal. Já o do TAM será feito direta-

mente entre Estado e Iphan. Para este, a previsão de início das obras é março de 2015, com prazo de 24 meses para conclusão. Mas a expectativa é de que o trabalho seja iniciado ainda este ano.

As restaurações do Forte do Reis Magos, do Casarão do Arquivo Diocesano e do antigo Armazém Real da Capitania ficarão a cargo do Iphan. Já a Prefeitura do Natal irá restaurar o prédio que abriga a sua sede, o Palácio Felipe Camarão e, também, a reabilitação do antigo Hotel Central. A UFRN será a responsável pelos serviços no Antigo Grupo Escolar Augusto Severo e do edifício onde hoje funciona a Semut.



Assessoria Setur

Rute Pinheiro, subsecretária de Turismo do Estado

Tombamento de residências

O Governo Federal também liberará linha de crédito de R\$ 300 milhões para financiar obras em imóveis particulares localizadas em mais de 100 cidades tombadas pelo Iphan. Natal também pode ser contemplada. “Os moradores da área tombada que acharem que sua residência precisa passar por restauração podem procurar a Caixa Econômica Federal e se informar sobre estes empréstimos”, explica Onésimo Santos, do Iphan.

A área de abrangência do projeto de Reabilitação Urbana corresponde às poligonais de tombamento e de entorno que abrangem trechos dos bairros da Cidade Alta, Ribeira e Rocas. O sítio a ser trabalhado possui área total de 91,1 hectares, que corresponde à somatória da área da poligonal de tombamento (28,43 hectares) e da poligonal de entorno (62,67 hectares).

Em todo o Rio Grande do Norte, outros 30 bens materiais já foram tombados, além de um acervo de obras de arte sacra e o Centro Histórico de Natal, reunindo diferentes estilos de arquitetura, que vão desde o período colonial ao contemporâneo, sendo as igrejas datadas do século XXVIII, alguns monumentos do século XIX e a grande maioria das edificações construída no século XX.



Ação do tempo e falta de manutenção destroem prédio histórico

Modernidade e passado em destruição

O Centro Histórico de Natal, que abarca os bairros de Cidade Alta e Ribeira, possui aspectos que remontam aos primeiros séculos da história do Brasil. Destes, talvez o mais relevante seja o traçado urbano irregular, típico das cidades coloniais portuguesas, em oposição aos padrões geométricos espanhóis.

A realidade atual da capital potiguar é de notório processo de crescimento da especulação imobiliária, com destruição tanto de exemplares arquitetô-

nicos, quanto de estruturas urbanas inteiras, gerando polêmicas e debates acerca do tema. A implantação do projeto de Reabilitação do Centro Histórico de Natal chega para dinamizar o sítio histórico de fundação da cidade e tornar a área um importante centro aglutinador da cultura local, ampliando os serviços prestados, o uso dos espaços públicos e motivando uma nova dinâmica na área.

De um modo geral, a inexistência de áreas de

João Neto



Maior permanência do turista

A cidade de Natal recebe anualmente cerca de 2,5 mil turistas. Após a Copa do Mundo FIFA 2014, evento mundial que projetou a capital potiguar para 4 bilhões de pessoas em todo o mundo, a expectativa da Secretaria Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico (Seturde) é de que esse número dobre. No entanto, para o secretário municipal de Turismo, Fernando Bezerril, não é apenas o número de turistas que tende a aumentar, mas também a permanência deles na Cidade do Sol.

“Nós tivemos a oportunidade de mostrar Natal, em alta resolução, para todo o mundo e fizemos bonito”. Isso representa muito para quem captar ainda mais turistas tanto brasileiros, quanto de fora do País.

“Nos últimos 30 anos, nós não crescemos nada no mercado Internacional e com essa oportunidade nós podemos alavancar esses números”, acredita, reforçando que o Aeroporto Internacional Aluizio Alves, em São Gonçalo do Amarante, contribui para o novo rumo que o turismo potiguar pretende tomar.

Sobre o tombamento do Centro Histórico de Natal, o secretário desenha como um ‘start’ para uma nova era do turismo no Estado. “Em sete dias, esse turista que vem para Natal em busca de praias vê tudo e vai embora. O ouro que nós temos ninguém mostra. A grande pedida do trade é ampliar o número de turistas, mas, principalmente, a permanência deles para que possam conhecer além das nossas belezas naturais, a nossa história. Então, eu acredito que este tombamento é um ‘start’ porque temos muito que mostrar, mas ainda muito que fazer. Os projetos estão prontos, os recursos assegurados então precisamos que as obras físicas saiam do papel e elas vão sair”, assegura.

Rute Pinheiro divide a mesma opinião e acredita que a inclusão de diferentes roteiros no Centro Histórico de Natal pode ser o diferencial. “Nós temos todo o potencial e agora os projetos prontos para tornarmos Natal um museu a céu aberto, onde o turista possa vir para conhecer a história da nossa cidade, conhecer o que funcionou em cada prédio, quem foram as nossas personalidades que deram nome aos tais edifícios. Os roteiros também podem ser dos mais variados como, por exemplo, ferroviário”, sugere a subsecretária de Turismo do Estado.

embarque e desembarque de ônibus turísticos e ausência de uma estrutura informativa, no próprio perímetro do Centro Histórico dificultam, sobremaneira, a consolidação do turismo na área. Todavia, existe um grande potencial a explorar, considerando a predominância nessa área dos principais equipamentos culturais da cidade, as edificações tombadas e os monumentos de relevante valor arquitetônico e histórico, que podem transformar Natal em um museu a céu aberto.

FORTE DOS REIS MAGOS

- Monumento histórico mais importante de Natal e marco inicial da história da cidade. Construído entre 1598 e 1630, na barra do rio Potengi. Seu traçado é atribuído ao padre jesuíta Gaspar de Sampères, de acordo com teorias arquitetônicas renascentistas italianas do século XVI.



Canindé Soares



ANTIGO HOTEL CENTRAL - É uma construção histórica do Brasil, situada à Avenida Duque de Caxias, no bairro da Ribeira. Hospedou, durante seus tempos áureos, os soldados americanos que participavam da Segunda Guerra Mundial. Atualmente o prédio é utilizado pelo Juizado Especial Central da Comarca de Natal, antes conhecido como Juizado de Pequenas Causas.

João Neto

CASARÃO DO ARQUIVO ARQUIDIOCESANO - O imóvel localizado na Cidade Alta está sob tutela do Instituto do Patrimônio e teve parte da estrutura destruída após as fortes chuvas de março passado.



João Neto



ANTIGO GRUPO ESCOLAR AUGUSTO SEVERO - O Grupo Escolar Augusto Severo foi uma instituição de ensino da cidade de Natal, que funcionou durante o início do século XX num prédio situado entre o Teatro Alberto Maranhão e a Escola Doméstica de Natal, de frente para a Praça Augusto Severo. Em 24 de março de 1908, o prédio foi entregue e inaugurado em 12 de junho do mesmo ano.

João Neto



ARMAZÉM REAL DA CAPITANIA (Antiga casa do padre João Maria) - O antigo Armazém Real da Capitania do Rio Grande está localizado na Rua da Conceição, no bairro da Cidade Alta e tudo leva a crer que foi edificado antes de 1731. O prédio foi solidamente construído em alvenaria de pedra e cal. Era, ainda em 1752, citado como ponto de referência. É provável que em fins do século XIX, apresentasse a feição atual. Durante muitos anos, serviu como residência e comércio.



PALÁCIO FELIPE CAMARÃO

- Prédio construído no local da antiga Intendência Municipal e inaugurado em 7 de setembro de 1922, dentro da programação comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. Ostenta uma fachada rebuscada, de estilo eclético, muito em voga à época de sua construção. Atual sede da Prefeitura do Natal.

TEATRO ALBERTO MARANHÃO - Nos últimos anos do século XIX, o bairro da Ribeira começava o seu desenvolvimento e no início do XX, despontava como o principal centro cultural e comercial da cidade. Surgiu o teatro da Praça Augusto Severo, cujas obras foram iniciadas em 1898 e inauguradas em 1904, em estilo chalé e uma composição clássica. Em 1910, foi reformado pelo arquiteto Herculano Ramos e reinaugurado em 1912, com dois pavimentos, em arquitetura eclética e elementos art nouveau. Conserva linhas e elementos da arquitetura francesa do final do século passado, além de cerâmica belga como revestimento do piso de entrada e da plateia. Sua construção teve início em 1898, obedecendo a planta do engenheiro José de Berredo.



PRÉDIO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE TRIBUTAÇÃO (SEMUT)

– Localizado na Praça do Estudante, por trás da sede da Prefeitura de Natal, prédio centenário é de propriedade da UFRN. Atualmente funciona como sede da Secretaria Municipal de Tributação e já foi alvo de protestos de servidores que denunciaram as péssimas condições físicas do prédio.

UMA DAS ÚLTIMAS ENTREVISTAS

Morto em acidente aéreo no mês passado, ex-governador de Pernambuco Eduardo Campos foi capa recente da Revista Bzzz, a quem concedeu uma das exclusivas entrevistas finais

Por Octávio Santiago
Fotos: Divulgação





FOI CHOCANTE. A PALAVRA é essa. A notícia da morte de Eduardo Campos e dos seus assessores deixou gente atônita de norte a sul do País. Caíram em um avião, índices de esperança e um pouco da crença em nós mesmos. Para mim, de forma pessoal, a informação chocou alguns pensamentos. Semanas antes, eu estava com quatro dos seis, em Natal colhendo o material que rendeu a capa de junho da Revista Bzzz. Sim, era verdade. Todos eles haviam morrido.

Foram dois meses de tentativa. Queríamos muito a entrevista com Eduardo Campos. Eu agia de um lado para viabilizar e a nossa editora Eliana Lima, de outro. Até que, durante uma visita ao Rio Grande do Norte, para cumprir a agitada agenda de campanha, conseguimos. Fizemos contato com os correligionários dele aqui no Estado, Cláudio Porpino, Dona Wilma de Faria. Agora iria dar certo. Só não sabíamos exatamente como. Campos em entrevista exclusiva para a Bzzz.

Fui ao encontro do entrevistado no Aeroporto Internacional Augusto Severo, ainda em funcionamento. Dona Wilma e o também ex-governador Iberê Ferreira de Souza também estavam lá, escoltados por deputados e prefeitos aliados. Campos e os assessores chegaram de camisa branca. Fomos apresentados rapidamente. Porém, o suficiente para entregar-lhe a edição de março da revista, com Dona Wilma na capa. Queria que conhecesse o nosso trabalho e que, se houvesse dúvida quanto à concessão da entrevista, ela fosse exaurida. Ele olhou no meu olho e disse: “vamos fazer sim”. Entregou a Bzzz a um dos assessores e pediu prioridade.



Foto de 1993, quando foi Deputado Estadual na Assembleia Legislativa de Pernambuco



Emoção no velório realizado no Palácio das Princesas, Recife



Durante a entrevista realizada dentro de uma van, que rendeu a capa da Revista BZZZ especial de aniversário



O assessor em questão era o jornalista Carlos Augusto Ramos, conhecido como Percol. Foi ele que me apresentou a Eduardo Campos e me ajudou a viabilizar a entrevista. Percol foi um dos três auxiliares do ex-governador que morreu no acidente. Para a televisão, a viúva dele, Cecília deu a seguinte declaração: “Todos sabiam o quanto ele era dedicado e falavam ‘qualquer problema, fala com o Percol que ele resolve’”. Para mim, uma verdade. Foi o que me orientou a colega Elaine Vlândia. Fiz o recomendado e deu certo. Ele resolveu. Enquanto esperávamos a hora, eu e Percol conversámos sobre Natal, as suas idas às antigas boates da Ribeira e o seu recente casamento, que havia acontecido há apenas dois meses.

Era chegada a hora da entrevista. Como o tempo era curto, encontramos a seguinte solução: eu iria dentro da van com a comitiva, ao lado de Campos, fazendo as perguntas que pudesse fazer entre a Via Costeira e o bairro do Alecrim, ambos na capital potiguar. O suficiente. Na saída do



Renata com os filhos na celebração da missa pelo sétimo dia de falecimento de Campos

hotel, os aliados faziam fila na porta da van e eu em busca do meu espaço. Eduardo Campos foi o primeiro a entrar, mas saiu, pegou-me pelo braço e disse: “ele vai ao meu lado”. Obedeci ao presidencial. Entrei atrás dele, sentamos na primeira fileira e liguei o gravador. Campos era a capa.

Falamos sobre o Brasil. Sobre a inflação e o que fazer para amenizá-la. Falamos sobre a paralização das polícias em Pernambuco. Sobre Dilma Rousseff e sobre Aécio Neves. Sobre Marina Silva também. Perguntei sobre o segundo turno, se toparia ser vice de Aécio ou tê-lo como tal em sua chapa. Campos respondia sem hesitar, firme, mesmo nas perguntas mais incômodas. Quis saber o que pensava sobre a aliança do PSB com o PMDB no RN, sobre os resultados do partido nas últimas eleições municipais de Mossoró. Graças ao engarrafamento, tive tempo de sobra. Tanto que, depois de quatorze perguntas, ele me disse rindo: “você já tem material para umas duas ou três revistas, não é?”. Fui então para a pergunta final.

Terminada a entrevista, ainda estávamos

a alguns minutos da sua próxima parada. Tempo para amenidades. Por coincidência, o assunto era viajar de avião. Campos e eu concordávamos sobre o fato de as companhias aéreas não oferecerem o menor conforto para as pessoas altas. No caso, para nós dois. Dona Wilma ainda disparou que eu tinha sido esperto em levar a edição com ela na capa para ele, que emendou: “tenho certeza que vendeu bastante”, e eu melhorei na sequência: “não mais que a nossa próxima”. Chegamos. Agradei, ele se colocou à disposição e continuou a agenda.

Em teoria, os profissionais da notícia devem respeitar a imparcialidade jornalística. Porém, eu confesso ter sido difícil não se abalar com o que aconteceu, principalmente por ter estado com quase todos, pouco tempo antes do acidente, dentro dessa van, fazendo uma “viagem”. Dei o seguinte título à entrevista: “De olhos bem abertos”. Era como ele estava de olhos bem abertos olhando para o futuro. Com a queda do jato, cerraram-se. Cerrou-se o verde que tinham. Desculpem-me os teóricos do jornalismo, mas se cerrou o verde da esperança.

Ator potiguar que começou a carreira por brincadeira, César Ferrario corre o mundo se apresentando com a Cia. Clowns de Shakespeare e está no terceiro trabalho em novelas da Rede Globo

Por Alice Lima

Fotos: Sueli Nomizo e divulgação

CLOWN

*mais nobre
que o horário*



ENTRE AS GRAVAÇÕES DA novela global *O Rebu*, sucesso das 23h na Rede Globo, o ator César Ferrario se divide entre as gravações do remake de 1974, família e parceiros do grupo de teatro Cia. Clowns de Shakespeare, em Natal, pelo menos uma vez por mês. No dia desta entrevista, ele estava concentrado em um estudo junto aos outros membros do grupo. Tranquilo e educado, pediu alguns minutos para nos atender e, ao chegar, ficou completamente à disposição para ouvir e responder.

Caras e bocas para as fotos, enquanto pergunta “Assim fica bom para vocês? Vocês quem mandam”, e uma timidez sutil aparece no ator quando fora dos palcos. Para a conversa, perguntas à vontade. O encanto ao falar sobre a profissão faz das respostas de César – que se propõem simples e sinceras – algo que beira a poesia. É esse amor que move todos os clowns, o qual os faz alargar tantas fronteiras e encher os potiguares de orgulho.

Do Rio Grande do Norte saem profissionais que arrancam aplausos pelo mundo com peças teatrais e, desde 2012, dois deles – Titina Medeiros e César Ferrario – são vistos constantemente em novelas da Globo. A parceria vai além de teatro e da televisão. São um casal apaixonado na vida real, que divide gatos e plantas na casa em Natal e, no Rio de Janeiro, um apartamento temporário. Atualmente, enquanto ele atua em *O Rebu*, ela interpreta a depiladora cômica Marisa na novela *Geração Brasil*.

Tudo era apenas uma brincadeira...

Natural de Mossoró, no Oeste potiguar, César estudou no Colégio Diocesano Santa Luzia, tradicional instituição católica da cidade. Mas foi na capital que a carreira artística deu o primeiro passo. Três anos depois da mudança, nos estudos do pré-vestibular, o professor de literatura do colégio Objetivo, Marco Aurélio, organizou um espetáculo com a releitura de “Sonho de Uma Noite de Verão”, de William Shakespeare, há 20 anos. Os atores eram um grupo de alunos que levou a brincadeira tão a sério que parte dele está até hoje forma a Companhia Clowns de Shakespeare.

Na época, todos prestaram vestibular para outros cursos, como era o planejamento inicial, mas nunca mais deixaram o teatro. César tentou o primeiro vestibular para Direito, sem sucesso. No ano seguinte, foi de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Publicidade e Propaganda na Universidade Potiguar (UnP). Acabou trancando o curso na federal.





Por coincidência, o primeiro emprego foi na então TV Cabugi, afiliada à Rede Globo, no setor cuja função era tratar toda a comunicação visual da empresa. Em paralelo, participava do grupo teatral. Quando se casou pela primeira vez, precisou passar quatro anos afastado do grupo. Trabalhava durante o dia e à noite dava aula em uma universidade para cumprir as responsabilidades financeiras. Entre 2004 e 2006, os integrantes que abraçaram a arte como profissão, passaram a tirar o sustento do teatro. A partir desse período, quando circulou o país inteiro com o trabalho “Palco Giratório”, César sobrevive do trabalho como ator.

A permanência financeira do Clowns é garantida por editais e venda de espetáculos, em festivais e grandes eventos pelo mundo, com articulação feita pelos atores. Cada um abraçou uma responsabilidade administrativa. Ou seja, existe uma organização empresarial bem consolidada por trás dos palcos, dividida entre os 14 integrantes. Até o momento, Ferrario tem conseguido conciliar as atividades da TV com o grupo, uma adaptação combinada e de confiança. Em um dos próximos espetáculos, será responsável pela dramaturgia, trabalho que já foi iniciado mesmo à distância.





Apresentação do espetáculo "Sua Incelença, Ricardo III"



Uma das cenas da peça Roda Chico

Entre ápices, a Globo

A chegada às telas da maior emissora do País foi por etapas, que envolve o trabalho de construção de um grupo que começou brincando e virou referência em criatividade, profissionalismo e carrega estilo próprio demonstrado a cada nova montagem.

Na abertura do Festival de Teatro de Curitiba, um dos maiores do país, em 2012, o espetáculo "Sua Incelença, Ricardo III", do Clowns, dirigido por Gabriel Villela, dois olheiros da Rede Globo estavam na plateia para observar a desenvoltura dos atores no palco. Dias depois, um deles liga e diz que gostaria de fazer o cadastro de alguns dos membros, entre eles César Ferrário, Titina Medeiros, Marcos França e Renata Kaiser. No telefonema, perguntou se tinham previsão de ir ao Rio de Janeiro.

"A princípio, achei um discurso furado. Não dei bola, mas dois ou três dias depois, ele ligou de novo.

Então eu disse que assim que fôssemos eu passaria lá no Projac, mas

a até aquele momento não tínhamos nada programado. Depois disso, de dois em dois meses ele entrava em contato, como se fosse o método de trabalho. Em um determinado momento, a gente estaria pelo Rio e nós marcamos", lembra César. Na oportunidade, ele gravou uma cena pra o cadastro e preenchimento de ficha. Logo depois, Bruna Bueno, responsável por elencos da emissora, estava fechando o elenco de uma novela (ela também estava no Festival de Curitiba) e pediu que os quatro fossem até a sua sala.

"Quando voltamos, ela entrou em contato e disse que Titina estava muito bem cotada para um papel, que se tornou realidade (Socorro, da novela Cheias de Charme, que rendeu o troféu de atriz revelação nos Melhores do Ano do Domingão do Faustão). Ela também falou sobre outro papel curto que achava que daria certo para o meu biotipo, que era o caminhoneiro Movan. Eu não poderia ir, pois tinha uma viagem marcada de férias com a minha família para o Chile. Então, naquele momento a história morreu. Um mês depois, soube que as datas da gravação mudaram e foi possível encaixar".



Grupo Clowns sempre realiza espetáculo a céu aberto



Para gravar, ele e Titina viajaram ao Piauí juntos para as primeiras cenas do folhetim, o que os deixou mais seguros. Até aquele instante a equipe da emissora ainda não sabia da relação dos dois. O caminhoneiro, que de acordo com os planos iniciais passaria apenas seis dias, agradou ao público e decidiram que ele poderia voltar. A situação aconteceu de maneira natural e estar na maior emissora do Brasil não deslumbrou o casal, como acontece com a maioria. Tudo porque como atores de teatro eles passaram por grandes acontecimentos e sensações. Grandes ápices. A Globo foi mais um muito importante, porém, longe de ser o único.

Depois do Festival de Curitiba, o Clowns foi convidado para o maior festival teatral da América Latina, no Chile, que abrange várias cidades e mobiliza a capital. Para participar, o grupo traduziu o espetáculo inteiro em castelhano, o Ricardo III. Ousados, chegaram a dez apresentações em outra língua. “A história fala sobre um tirano, um ditador, e nós apresentamos em um museu de direitos humanos, que fala sobre a ditadura chilena, em um lugar emblemático e, o outro, em frente à sede da presidência chilena, onde Salvador Allende morreu bombardeado pelo exército de Pinochet. Era uma plateia gigante”, recorda César com entusiasmo.

Em um curto espaço de tempo, quando viajou para o trabalho no Piauí, a vivência na experiência arrebatadora o deixou mais seguro e confiante. “Então, quando chegamos era difícil algo impressionar ainda mais. Isso foi muito bom, não por algo arrogante, mas porque eliminou qualquer deslumbramento que pudéssemos ter, de hipervalorização ou qualquer coisa que pudesse nos oprimir. A gente ficou muito à vontade, muito preenchido”, explica o ator.



Ao lado de Titina Medeiros, na novela Cheias de Charme



Durante a minissérie Amores Roubados, quando interpretou o vilão Bigode de Arame

Sobre a Globo, os elogios ao profissionalismo da equipe são constantes. “Tem alguém te esperando, tem quem leve, quem explique, quem diga o que quer e você faz a sua parte, mas o conjunto funciona muito bem. No teatro de grupo a gente passa a roupa, costura e faz tudo”, resumiu.

E a receptividade a um casal de nordestinos? “Sei que é uma empresa plural e que existem experiências e experiências, mas todos os núcleos nos quais trabalhei até agora foram de profissionalismo extremo”. Ou seja, natural, de respeito. Após o primeiro contato, Titina continuou e ele voltou ao Clowns, mas logo o caminhoneiro Movan foi chamado de volta para animar a trama.

Após a primeira experiência global, surgiu o segundo convite, dessa vez para um pequeno papel na novela Amor à Vida, mas os compromissos com o teatro não permitiram uma resposta a tempo. Depois, Cissa Castelo, outra produtora de elenco, desembarcou em Natal para fazer teste com o Clowns, na minissérie Amores Roubados. Foi quando surgiu o convite para fazer o Bigode de Arame, o mototaxista vilão que matou o personagem Leandro, interpretado por Cauã Reymond.

“Fui ao Rio fazer o teste presencial. Como foi convite, responsabilizaram-se por todos os custos. Fui junto com Jesuíta Barbosa, que fez o Fortunato. Quando eles convidam assim as chances são muito grandes. A cena era em um prostíbulo. Fiz as duas primeiras falas e o Zé Villamarim (diretor) disse ‘ok, gente, obrigado’. Pensei que ou tinha dado muito certo ou muito errado. Quando eu estava saindo, ele disse ‘nem corte o cabelo nem tire essa barba’”. Deu certo, mais uma vez.

Durante as gravações, a afinidade entre os integrantes da equipe deixou a sensação de que, em breve, novos trabalhos aconteceriam. No início deste ano, César recebeu convite para fazer o Adão, em O Rebu. Já com três anos de empresa, os testes foram descartados, o papel era para o potiguar.

A festa é uma grande fogueira de vaidades e interesses na trama de 37 capítulos. Não existem mocinhos, pois todos lutam sem medir esforços pelos seus próprios interesses. Adão está na base da cadeia econômica, a vida pregressa em parte o incrimina, mas parece fruto do meio em que viveu e, por isso, traz uma luta étnica dentro de si.



Dando vida a Adão, seu atual trabalho em O Rebu



César mostra o barracão do Clowns em Natal

Que a brincadeira continue

O grande desejo de César Ferrario é continuar. “Durante muito tempo sempre falei que a minha grande felicidade seria trabalhar sem precisar abrir mão da minha cidade e dos meus parceiros. Isso continua sendo o ideal. Natal continua sendo minha residência fixa, mas espero poder ir e voltar e contribuir de alguma maneira para o fortalecimento do teatro na minha região. Quando começamos era muito mais difícil, hoje não é fácil, mas existem mais formas e incentivos que antes”, diz o ator.

O grupo sempre realiza oficinas, das quais todos podem participar. Existe a ideia de um dia construir uma Escola de Teatro para que mais potiguares interessados em abraçar a profissão tenham oportunidades, como os atores que, um dia não muito distante subiram no palco por uma brincadeira do destino.



Ensaio da companhia teatral



Ao lado do quadro do famoso autor que dá nome ao grupo



Tempos áureos

Lembrança de uma infância vivida no Grande Hotel, o engenheiro Kléber Bezerra conta sobre o tempo de glamour e de poder que marcou o bairro da Ribeira e a passagem dos americanos por Natal durante a Segunda Guerra Mundial

Por Janaína Amaral

Fotos: João Neto e arquivo pessoal

É DE SE CONTAR nos dedos quais os prédios da histórica Ribeira velha de guerra que ainda mantêm um bom estado de conservação. Foi naquele bairro que a cidade fez história, preservada na memória de poucos natalenses. O apogeu do comércio, dos armazéns, da navegação, da cultura, das famílias e da tradição da cidade. Tudo surgiu naquele lugar. O engenheiro civil Kléber Bezerra é um dos privilegiados que guardam essas lembranças.

O cenário era o Largo Major Theodorico Bezerra, assim denominado pela prefeitura, área onde hoje está localizado o Procon estadual, a igreja Bom Jesus, o antigo escritório da Central Força e Luz e o prédio do Grande Hotel, que atualmente acomoda o Juizado Especial da Comarca de Natal, exatamente na esquina das avenidas Tavares de Lyra e Duque de Caxias. Kléber tem lembranças das ruas, histórias e fatos da antiga Ribeira.

Filho do influente “Majó” Theodorico Bezer-

ra, suas lembranças da infância guardam parte de um passado rico e lírico da capital potiguar. Foi morar no prédio do Grande Hotel aos seis anos de idade, com os pais e a irmã, Sanzia. Local que era reduto de políticos, empresário e militares nos anos em que o solo do Rio Grande do Norte serviu de base americana na II Guerra Mundial, na década de 40.

Kléber fez uma viagem ao passado e, envolto às paredes de antigo lar, relatou características da arquitetura do prédio, seus personagens, ambientes, ligações perigosas, relatos de guerra e os costumes natalenses de outrora. Fomos ao histórico prédio para resgatar esse tempo de glamour e poder. Ao subir as escadas, em formato de caracol, que dá acesso ao antigo Grande Hotel, nota-se que mesmo após 70 anos pouca coisa mudou. O prédio está conservado, e, por isso, torna-se fácil imaginar toda a história ali vivida. Entre as ausências, falta uma placa na entrada informando sobre o seu tombamento, para chamar a atenção de visitantes.



“O elevador está mais moderno, as luminárias também foram trocadas. Aqui onde é a recepção ficava o piano de Paulo Lira, que alegrou muito as noites do Grande Hotel. Quando ele morreu, papai passou um cadeado no piano e não deixava ninguém tocar”, recorda nosso anfitrião.

Alguns passos a mais e Kléber recorda do quintal onde aprendeu a andar de bicicleta. Hoje o local serve de estacionamento para os servidores da Justiça. O antigo terraço também servia de lavanderia e dependência para os funcionários descansarem.

De arquitetura moderna para os padrões da época, o Grande Hotel foi projetado pelo desenhista J. Munier. Teve como engenheiro civil Gentil Ferreira - nome de praça no populoso bairro do Alecrim - e obra executada pelo Governo do Estado. O hotel foi entregue com 74 quartos, sendo três no térreo, dez no primeiro andar e mais 61 quartos distribuídos entre o segundo e o terceiro andares. “No 20 e no 30, eram seis banheiros coletivos, até hoje preservados. Existiam ainda os quartos com banho, que hoje chamamos de suíte. Eram oito. Também existiam alguns quartos com banheiro, sala e varanda”, conta o antigo morador.

As janelas e as portas, em sua grande maioria, também estão conservadas. Mas o piso de taco está preservado apenas no segundo andar. O restaurante e a varanda do Grande Hotel, que eram considerados os maiores, os mais belos e aconchegantes espaços do belo imóvel, passaram por adaptações. A varanda, apesar de mantida, não possui tanta funcionalidade, já que por ser local de trabalho não tem cadeiras e mesas voltadas para a contemplação do bairro da Ribeira. No restaurante, o que antes era um mezanino hoje é uma lanchonete, o pé direito alto foi fechado e o local dá funcionalidade ao Juizado.



Varanda ainda hoje preservada, mas sem utilização



Mesalino: não existia essa lanchonete, mas o piso de taco está preservado



Kleber Bezerra mostra onde eram localizadas as sirenes em cima do prédio do Grande Hotel que foram instaladas pelos militares brasileiros. Elas tinham função de alertar contra ataque aéreo



Placa no hall do judiciário



O hotel em destaque no bairro da Ribeira



Varanda: um dos locais prediletos na época da II Guerra e pós guerra



O candidato à presidência da República Juscelino Kubitschek na convenção do PSD, no Teatro Carlos Gomes, hoje Teatro Alberto Maranhão

Domínio da Justiça

O prédio onde funcionou o Grande Hotel foi construído pelo Estado, arrendado ao Major Theodorico Bezerra, e devolvido ao governo. Depois, de acordo com a juíza Sulamita Pacheco, o prédio foi doado à Justiça e hoje é utilizado pelo Juizado Especial Central da Comarca de Natal, antes conhecido como Juizado de Pequenas Causas.

A magistrada sabe o valor histórico do imóvel, embora ressalte que o prédio seja pequeno

para a estrutura da Comarca. “O Iphan e o Corpo de Bombeiros sempre vêm aqui realizar inspeções, vistorias e nunca tivemos problemas. O prédio recentemente passou uma por pintura, não podemos mexer na estrutura. Está conservado. Eu gosto bastante de trabalhar aqui, é diferente, é um clima gostoso. É muito bonito, central e apenas é pequeno para nossa estrutura que hoje está descentralizada por falta de espaço”, explica.

Marcantes tempos de guerra

O engenheiro civil Kléber Bezerra tinha apenas 10 anos quando, em 1943, a Base Aérea de Natal passou a ser base militar dos americanos. Apesar do movimento intenso de militares brasileiros e americanos no Grande Hotel, ele não entendia direito o que se passava. Muita coisa que ali aconteceram, Kléber só soube bem depois.

“Recordo que em cima do hotel existiam sirenes, que foram instaladas pelos militares brasileiros. Elas tinham função de alertar contra ataque aéreo. Fazíamos treinamentos quando as sirenes tocavam, colocávamos panos pretos nas janelas para simular um blackout. Algumas casas tinham abrigo”, conta.

Foi através de uma reportagem publicada no Diário de Natal, em 2007, que Kléber soube, por exemplo, que o hóspede Marshall Jamison, tenente do exército americano que se hospedou no Grande Hotel, era uma espécie de informante, coisas da guerra.

“No quarto dele não havia banheiro, ele usava um dos banheiros coletivos, e na reportagem do

Diário de Natal ele dizia que ia ao banheiro, sentava no vaso sanitário e de lá fazia seu “quartel general”, descodificava (código morse), lia as mensagens que chegavam dos Estados Unidos e também enviava informações. Ele passava tudo para seu país, hábitos, costumes, geografia, movimentações de militares alemães. Incrível, não sei como conseguia”, diz.

Outro dia que marcou a memória de Kléber foi o ataque a Pearl Harbor. “Eu não sabia do que se tratava, mas naquele dia houve uma movimentação estranha no hotel, muita inquietação por parte das pessoas (militares americanos). Só muito tempo depois que vim conhecer a história”.

“A Praça José da Penha, essa em frente à Igreja Bom Jesus, também no Largo Major Theodorico Bezerra, lembro que existia uns alto-falantes, eram da Agência Pernambucana, e era a rádio da época. À noite, por volta as 21h, durante a guerra, era transmitido o noticiário ao vivo da BBC de Londres, e todo mundo vinha para a varanda do hotel ficar escutando atentamente o noticiário”. Segundo Kleber, somente dois ou três anos mais tarde foi que em Natal instalou a REN (Rádio Educadora de Natal), que depois foi adquirida pelo grupo Diários Associados.

“O bar do hotel era muito frequentado no final da tarde por médicos, políticos e donos de firmas. A barbearia do hotel era sempre lotada, tinha que agendar. O barbeiro oficial era Francisco Borges, que ganhou mais destaque durante a guerra. Zé Areia, que vendia papagaio, era o barbeiro secundário”.

“Mário Negócio foi deputado e morou a vida inteira no hotel, só retornava a Mossoró durante o recesso parlamentar. Ele tinha uma biblioteca fantástica em seu quarto, durante o recesso, ele fechava a conta e me deixava responsável pelos seus livros. Papai colocava todos no meu quarto. Eu li vários, adorava e sabia que era uma responsabilidade grande. Quando terminava o recesso e ele voltava para Natal, ia pegar os livros novamente”, recorda.



Banheiros coletivos, onde o hóspede Marshall Jamison, tenente do exército americano sentava no vaso sanitário e de lá fazia seu “quartel general”



Gov. Silvio Pedrosa, Sen. Georgino Avelino, Juscelino (candidato à Presidência da República) e Dep. Theodorico (pres. do PSD RN)

Sofisticação na gastronomia

O Major Theorico Bezerra apreciava o que era bom, e uma das providências que ele tomou ao administrar o Grande Hotel foi introduzir uma boa gastronomia no seu restaurante. “O cozinheiro veio de Recife e os demais empregados do hotel eram da capital e do interior do Rio Grande do Norte. Papai chegou a ter 70 funcionários. Quem queria trabalhar tinha oportunidade e treinamento. E um detalhe: as pessoas aprendiam um ofício antes da maioridade. Hoje uma pessoa de 16 anos que venha a trabalhar pode ser prejudicada pelo entendimento jurídico atual. E todos subiam de cargo à medida que iam se destacando. Já se tinha, naquela época, implantada involuntariamente a meritocracia”, narra.

O fato é que no restaurante do Grande Hotel eram servidos banquetes (sempre em louças finas e cristais) para autoridades, por se destacar na alta gastronomia na Natal de antigamente. O candidato à presidência da República Juscelino Kubitschek era do mesmo partido do Major Theodorico e na convenção do PSD ele veio a Natal, não dormiu no hotel, mas ofereceu um jantar e de lá seguiu a pé para o Teatro Carlos Gomes, hoje Teatro Alberto Maranhão, para realizar a convenção.



Menu do banquete oferecido ao Sen. Georgino Avelino

Kleber guarda o menu de um jantar oferecido pelo senador Georgino Avelino aos seus correligionários. Se quiser trocar receita, ainda hoje, o menu de 1948 continua chique, atual, surpreendente e vai deixar seus convidados impressionados.

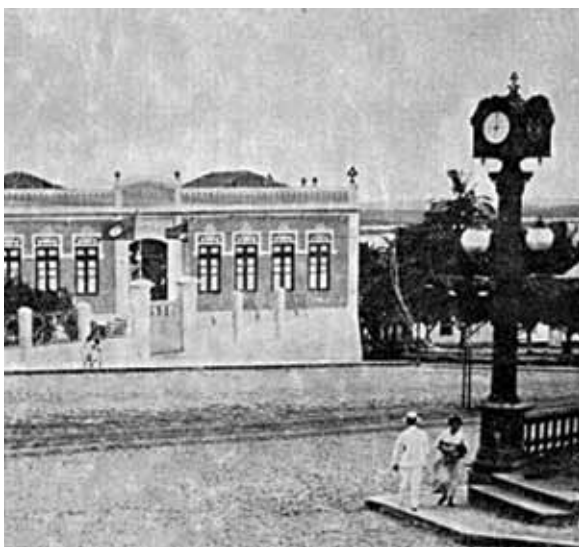


SÍMBOLO DO *novo tempo*

Relógio centenário resgata a Belle Époque potiguar e o desenvolvimento urbanístico de Natal após a proclamação da República

Por Marina Gadelha

Fotos: Francisco José Oliveira e arquivos



Relógio marca tempo da República com vista para o Congresso Legislativo, atual prédio da OAB



Festividade da sociedade natalense na Avenida Junqueira Aires dos anos 1920

O INÍCIO DO SÉCULO XX trouxe consigo os ares da República e, com ela, a excitante sensação de novos tempos na capital do Rio Grande do Norte. Saiu de cena o comportamento aristocrático-provinciano, que deu lugar a um novo modo de ver o mundo para elevar a pequena Natal, com apenas 13 mil habitantes, a uma cidade voltada para o futuro. Além de mudanças políticas, a República levou a elite a adotar novos hábitos culturais a partir da influência francesa, que marcou a Belle Époque papajerimum. Arte, literatura, moda, alimentação e arquitetura reproduziam o modelo parisiense, cujas características foram introduzidas à paisagem da cidade. Entre os monumentos dessa época está uma balaustrada “toda de ferro, com 103 metros de extensão e 10 candelabros elétricos e um belo relógio decorativo, também elétrico, que recebe a hora astronômica da cidade”, detalha o sociólogo Itamar de Souza em seu livro “Nova História de Natal”.

Inaugurada em 2 de outubro de 1911, dia do aniversário do então governador em exercício, Alberto Maranhão, a balaustrada encomendada a uma empresa francesa é um dos projetos de urbanização realizados especialmente na segunda gestão do político conhecido como “mecenas potiguar”. Os ponteiros do imponente relógio, instalado na então Avenida Junqueira Aires, marcaram um tempo de prosperidade e o surto de progresso

da cidade que em pouco tempo ganhou novos prédios, jardins e monumentos.

De acordo com o historiador Henrique Lucena, o relógio representa o novo período trazido pela República, que introduziu outro modelo político e inseriu Natal no caminho da modernidade. “Sua estrutura de ferro possui o estilo da Revolução Industrial, com a utilização de novos materiais para mostrar a tecnologia francesa. Esse relógio, também, tem representação ideológica ao exibir a sofisticação parisiense e abandonar o passado lusitano. Portugal torna-se símbolo de decadência, a França e a Inglaterra se transformam em centros de referência desse momento”, explica.



Henrique Lucena defende preservação da história potiguar



Foto: João Gilberto

Prévia carnavalesca é realizada há três anos nos arredores do relógio

A balaustrada ficava de frente para o Palacete do Congresso Legislativo, atualmente a sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), prédio projetado pelo arquiteto Herculano Ramos, onde aconteceram eventos históricos como a posse de Maria do Céu Fernandes de Araújo, primeira deputada estadual do Brasil. Quem andava de bonde também podia conferir as horas no relógio da Avenida Junqueira Aires, via de interligação entre os bairros da Ribeira e Cidade Alta. Esse logradouro ainda abrigou o Edifício de Saúde Pública, o Centro de Saúde da Cidade Alta, a Praça das Mães, entre outras construções que foram palcos de acontecimentos sempre registrados pelo relógio que, dia após dia, minuto a minuto, acompanhou mais de 100 anos da história potiguar. Se inicialmente marcou “o tempo do novo no espaço ainda marcado pela tradição”, como diz o historiador Tarcísio Gurgel no livro “Belle Épo-

que na esquina”, hoje em dia o relógio e sua balaustrada são resquícios do passado em que a elite natalense imitava a parisiense.

O monumento permanece em seu local de origem, na agora Avenida Câmara Cascudo, e ocupa o terreno doado em 1953 ao Serviço Social do Comércio (Sesc). Vítimas do desgaste e da agressão dos depredadores, os monumentos foram restaurados em 1968, ano em que também foi instalado um novo relógio no lugar do antigo. “Era mais potente, com quatro mostradores, fabricado pela Rodbel S.A.,” afirma Itamar de Souza. Em 2001, o Sesc modernizou a estrutura interna do relógio que já não funcionava há anos. O aparelho ganhou uma máquina eletrônica de quatro faces, com comando à distância e baterias de apoio para evitar paralisações por falta de energia. Até hoje, quem passa pelo ponto sabe a hora certa.



Balaustrada vira cenário do Projeto Terraço do Relógio



Foto: Tilo Garcez

Monumento representa época em que a cultura francesa era símbolo de civilização e sofisticação

Patrimônio preservado

A correria do dia a dia impede um olhar diferente, a atenção aos detalhes e o despertar da curiosidade para descobrir a história de tantas construções antigas espalhadas pela cidade. Por esse motivo, o centenário relógio passa despercebido por muitas pessoas que trafegam apressadas, na Avenida Câmara Cascudo, um verdadeiro e esquecido corredor cultural potiguar. Pensando em divulgar a importância histórica da balaustrada, do relógio e das hastes de ferro seculares, o Sesc promove desde



Augusto Araújo, técnico em cultura do Sesc

fevereiro de 2002 o “Terraço do Relógio”, projeto cultural que conta com boa música, serviço de bar e entrada gratuita. As apresentações acontecem todas as sextas-feiras, às 19h, sempre com a presença de artistas locais. “Um monumento tão importante para a educação deve ser valorizado e assim, buscamos preservá-lo para resgatar o passado, entender o presente e construir o futuro”, afirma Augusto Araújo, técnico em cultura do Sesc.

Henrique Lucena lamenta que outros monumentos da Belle Époque não recebam o mesmo cuidado. “Alberto Maranhão teve a preocupação de ornamentar Natal. Várias estátuas são da época do seu governo, mas muitas delas estão desgastadas ou sumiram. Um exemplo é o ‘Menino do Chafariz’, obra francesa de estilo barroco que enfeitava a Companhia de Serviços Urbanos de Natal (Urbana), mas não se sabe onde está. A cada patrimônio histórico destruído, perdemos a referência como natalenses. A balaustrada e o relógio, por exemplo, são a nossa identidade cultural, social e política, por isso precisam ser preservados e estimados pela população”, defende o historiador.

PICCOLO PEZZO BOLOGNESE EM NATAL

Paraíso da gastronomia italiana, a Bolonha é uma das poucas cidades no mundo que mantêm à risca sua tradição culinária. Não surpreende que muitos dos famosos pratos italianos tenham origem bolonhesa. Em Natal, tal fidelidade dessas delícias tem endereço no bairro do Tirol

Por Janáina Amaral
Fotos: João Neto



Região da Bolonha no interior da Itália, famosa pela gastronomia que atrai turistas do mundo inteiro

BEM-VINDO À REGIÃO DA Bolonha, interior da Itália, conhecida como La Grassa, que significa “A Gordá”. Decifrando melhor, a região é conhecida há séculos como o mais irresistível polo gastronômico da Itália. Para os apreciadores da boa mesa, uma ida à Bolonha é certeza de prazeres para as próximas férias. Agora, se você é amante da alta gastronomia, sabe diferenciar uma boa massa caseira da massa industrializada e não tem viagem planejada para Bolonha, pode encontrar tal fidelidade em Natal, especificamente na Trattoria Bolognese, do bolonhês Pier Leonardo Pierucci, casado com a natalense Mércia Carvalho, que decidiram morar na capital potiguar e abrir na cidade um pedaço da irreprimível região italiana.

A fidelidade aos costumes gastronômicos da região é tanta que no cardápio da Trattoria Bolognese não tem pratos com frutos do mar, por um motivo

simples, na região o carro-chefe são as massas caseiras acompanhadas de molhos e carnes. “Todas as massas, lasanha, caneloni, tortenolis, por exemplo, nasceram em Bolonha, tudo que é servido aqui sou eu quem faz. Aprendi o preparo das massas com meus avós e tive um pequeno restaurante que produzia massas em Bolonha. Aqui sou eu quem faz tudo, as massas, os molhos, os pães, biscoitos e sobremesas”, explica o chef Pier Leonardo. Sobre a dificuldade em conseguir material de qualidade em Natal, diz que suas compras são realizadas em São Paulo. E sobre os pedidos dos clientes para que ele coloque no cardápio o espaguete ao “gamberi” (camarão), por exemplo, é taxativo: “O crustáceo é uma comida típica de Natal. Eu costumo dizer aos clientes que em qualquer canto de Natal eles podem comer um bom prato à base de crustáceo; mas essa massa, só aqui, ou na Bolonha”.



A adega do restaurante foi pensada para harmonizar com os pratos do cardápio. Os vinhos servidos na casa são da região italiana da Toscana. “São os vinhos que mais casam com esse tipo de comida e com as carnes”, assegura Pier. A sobremesa é a do dia. No dia da reportagem foi o Tiramissu, sobremesa clássica Italiana à base de queijo mascapone. Sobremesa que ganhou notoriedade no mundo com o filme Sem Reservas (2007), onde Kate (Catherine Zeta Jones) é uma chef de cozinha extremamente perfeccionista que trabalha em um fino restaurante em Manhattan e se rendeu aos encantos do doce Italiano preparado pelo subchef Nick Palmer (Aaron Eckhart). No Trattoria Bolognese, o queijo mascapone utilizado por Pier Leonardo é adquirido em São Paulo.

*Trattoria Bolognese: Av. Rodrigues Alves, 658 (esquina com Rua Açú), Tirol
Fone: (84) 2010-9121,
abre para almoço e jantar.*



Para a entrada, a dica são as bruschetas



Rosoni a parmegiana

O chef Leonardo não abre mão do “sgredo” das suas receitas, mas deu a dica para um delicioso Rosoni.

PARA A MASSA:

- 1 kg de farinha
- 8 ovos
- Uma pitada de sal

Mistura tudo na mão, estira a massa e corta no modo que desejar.

MOLHO BRANCO:

- Leite, farinha de trigo, manteiga, nozes, e sal

Mexe em fogo baixo até o ponto desejado.

RECHEIO:

presunto tipo italiano prato



Sobremesa de Tiramissu



Torradas indicadas para acompanhamento



OCTÁVIO SANTIAGO

Balão mágico

Do alto, tem-se uma experiência inesquecível. Pela sensação de estar voando, claro, mas principalmente pela vista privilegiada em 360°. Assim é explorar um lugar a bordo de um balão. Em vários destinos do Brasil e do mundo, o tour se tornou uma programação obrigatória. Porém, em dois deles, esses passeios são bastante especiais.

Capadócia | É provável que a região turca tenha o passeio de balão mais conhecido do mundo. Antes do nascer do sol, o balão ganha os ares. Além da aurora, vê-se as formações geológicas características do lugar. Ao final, brinde e certificado. Pela Sultan Balloons, o tour custa 120 euros.



Vale do Loire | Em um dos destinos mais românticos da França, o melhor passeio acontece durante o crepúsculo. O balão sobe castelos como o Chenonceau, um dos mais bonitos da Europa. Na descida, taças de espumante da região. A France Montgolfières faz o voo de uma hora por 170 euros.

Fora de casa

Para quem procura programação alternativa ao Carnatal, as agências de turismo já iniciaram a temporada de ofertas. Na maioria, resorts com tudo incluso na Bahia e em Pernambuco. Parcelamento em até 12 vezes. O evento acontece de 04 a 07 de dezembro.



Em alta

O Panamá ganha cada vez mais força como destino dos potiguaras. Não só pelo famoso canal. De lá, pode-se visitar vários paraísos caribenhos, além dos que estão no próprio país. Com saída de Recife, os voos diretos da Copa encurtam e barateiam a viagem.

Só deu Ásia

Depois de anos e anos no trono, a Emirates não é mais a melhor companhia aérea do mundo. O respeitado título da Skytrax agora é da Cathay, de Hong Kong. Na classe econômica, a sul-coreana Asiana levou a melhor.



Jóias raras

Não é a toa que há anos o lugar recebe o prêmio de melhor sobremesa do Rio de Janeiro. Localizado no subsolo da joalheria H. Stern, em pleno centro carioca, o Restaurante Eça também tem suas preciosidades: as criações doces do chef belga Frédéric de Maeyer.

ESPERADA FESTA

Fotos: João Neto

A boate Pink Elephant Natal foi palco de uma grande noite que recordou bons momentos de uma época em que se dançava e cantava ao mesmo tempo. Época de boas músicas para dançar, cair na gandaia. Foi a “Dance.com, nos tempos da Apple”, boate que marcou época na capital. Uma festa despretensiosa, proposta da Abelhinha e Getúlio Soares, que ganhou uma enorme repercussão e as senhas de acesso se esgotaram rapidamente, e muita gente ficou de fora. Ocasião que começou com a Banda Café interpretando Beatles e depois entrou em cena o DJ Luís Couto, que soltou sucessos dos anos 70, 80, 90. Pedidos muitos, a próxima já está agenda: dia 17 de outubro. Será a “Dance.com, nos tempos da Royal Salute”, outra grande boate, palco de grandes momentos.



Os donos da festa:
Eliana Lima e Getúlio Soares



Ceixa e Nelson Solano



Claudine e Flávio Góis,
Polixena e Eridson Medeiros



Miss Dany Tattoo e
Cida San Martini



Gislane e Diógenes Cunha



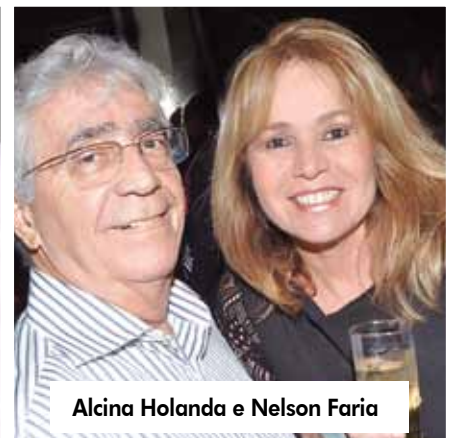
Jarbas Bezerra, Gracinha Ferreira
e Onofre Neto



Marcela e Wellington Paim



Cristina e Anchieta Pinto



Alcina Holanda e Nelson Faria



Tatiana, Adriana Bezerra e Luís Couto



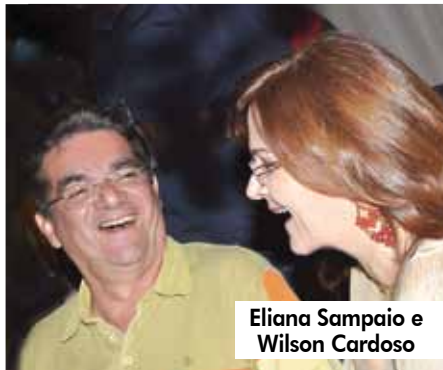
Tânia Patrício e José Anchieta (Grilo)



Os amigos Jota Oliveira e Danielle Fonseca



Adriana e Sílvio Santiago



Eliana Sampaio e Wilson Cardoso



Karla Veruska e Raniere Barbosa



Jurema Cansanção



Tereza Barreto e Maria José Pacheco



Toninho Magalhães, Tázia Sá e Getúlio Madruga



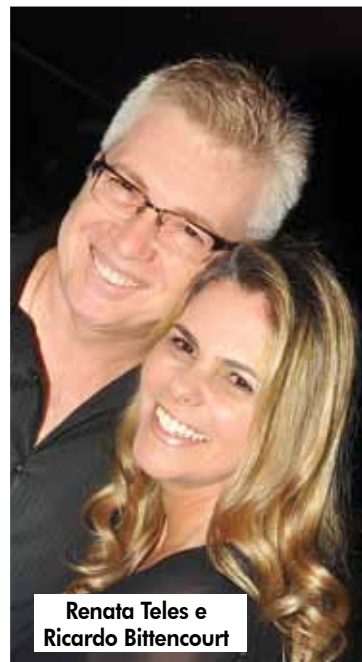
O carinho dos amigos Bebeto Torres e Hilneth Correia



Renata e Bianor Bezerra



Rogéria e Renier Nunes



Renata Teles e Ricardo Bittencourt



Rebeca e Roberto Gurgel



Marília Tinoco e Fernando Roberto



Wellington Fernandes
Arquiteto

NATAL PERDE E JOÃO PESSOA GANHA

Enquanto na capital potiguar uma obra de Oscar Niemeyer está abandonada desde que foi inaugurada, a vizinha Paraíba entende que arquitetura também é atração turística, a exemplo de cidades europeias, e investe no setor, atraindo grandes profissionais do Rio Grande do Norte





Obra abandonada de Oscar Niemeyer, em Natal, é usada como pista para motoescolas e abrigo para moradores de rua

O MERCADO IMOBILIÁRIO DE Natal teve seu momento recente de grandes investimentos e lançamentos no setor da construção civil, prova disso foi a grande demanda de empregos no setor. Com a Copa do Mundo e o compromisso do governo do Rio Grande do Norte com esse evento, estamos agora vivendo o pós-Copa das copas, assim definido por muitos. Pois bem, a Copa das copas deixou algumas obras de mobilidade, ainda incompletas, o aeroporto sem acesso concluído e uma série de outros fatores e detalhes que já estão se mostrando no dia a dia. Um desses fatores é o mercado de novas construções e lançamentos que caíram de forma bem expressiva.

O Estado teve seu momento, atraiu várias construtoras e incorporadoras, que lançaram no mercado inúmeros condomínios de padrão médio, onde se concentra o maior poder de aquisição da população e um nicho bem restrito de alto padrão. Porém, o momento agora não é mais de novidades no mercado, construtoras estão deixando o Estado e buscando novos locais de investimentos, como a vizinha Paraíba, que soube dar valor a projetos como o de Oscar Niemeyer, enquanto em Natal uma obra assinada pelo Poeta do Concreto, chamada Presépio de Natal, está abandonada desde a sua inauguração. O governo paraibano entende que arquitetura também é atração turística, a exemplo do que acontece em cidades da Europa, diferentemente do que acontece na capital



Em João Pessoa, obra do famoso arquiteto é bem aproveitada

que leva o nome de “Natal”, com o péssimo exemplo de descaso ao belo projeto de Niemeyer.

O mercado da Paraíba cada vez mais vem se mostrando de grande valor e exigente com a arquitetura e ambientação. A cidade é convidativa não só por ter o que temos em solo potiguar, belezas naturais, mas também, por cuidar dos seus monumentos, atrações públicas, praias, calçadões, etc. Dessa forma, crescem os investimentos por lá e o mercado de luxo tem seu espaço na capital Joao Pessoa. Prova disso é o crescente número de profissionais gabaritados de Natal, que estão sendo convidados para incrementar o mercado imobiliário da cidade, como exemplo um belíssimo projeto do arquiteto potiguar Carlos Ribeiro Dantas, que assina empreendimento de altíssimo padrão.

RECONHECIMENTO

Fotos: Paulo Lima



Ministros Ideli Salvatti, Aloizio Mercadante e Maria Thereza de Assis

Quatro potiguares foram agraciados com a Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho 2014, no TST, em agosto último. Condecoração destinada a personalidades civis e militares, nacionais ou estrangeiras, que se destacam no exercício de suas profissões e se constituem exemplo para a coletividade, e também aos que contribuem para o engrandecimento do país.



Ministro Mauro Campbell e o potiguar Emmanoel Campelo Pereira, conselheiro do CNJ



Senadora Vanessa Grazziotin



Presidente do TST, Barros Levenhagen, entrega a comenda ao presidente da CNBB, com Raymundo Damasceno



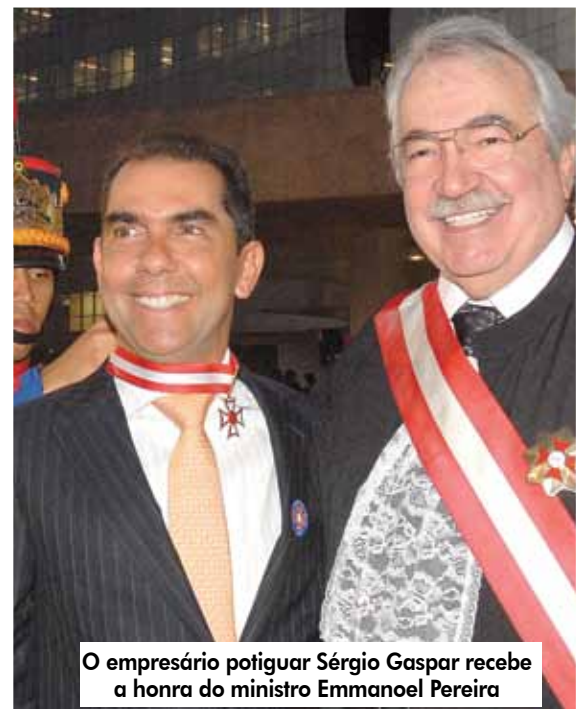
Cantor Chitãozinho



Potiguar Genivaldo Barros recebe a comenda da ministra Cristina Peduzzi



Sérgio com a esposa Cristine e os pais Denise e Arnaldo Gaspar



O empresário potiguar Sérgio Gaspar recebe a honra do ministro Emmanoel Pereira



Casal Eliana Lima e Francisco José Oliveira



Ruy Pereira Gaspar



Os irmãos Tristão e Tarcísio Barros, filhos do homenageado Genivaldo



Deputado Felipe Maia e Nathália Lagrega



Eulália e Genivaldo Barros em família: casal Cynthia e Tarcísio Barros, irmãos Thayza e Tristão Barros



Cid Augusto e Samara Moraes



Olindina e Clênio Freire



Ator José de Abreu e Francisco José



Sônia Faustino e Adriana Magalhães



Deputada Sandra Rosado e o marido Laíre



A atriz Dira Paes foi condecorada



Ministro Emmanoel Pereira e as conterrâneas Hénia e Hilneth Correia



À MODA *da* *vida*

Nossa editora de moda retrata estilos de mulheres em suas várias formas de vida. Resume fielmente os traços nas fases que vão dos vinte e poucos anos aos cinquenta e que venham mais para aproveitar a maturidade, sem perder o glamour elementar

Por Larissa Soares
Fotos: Divulgação

A PAUTA DESSA EDIÇÃO rende muitos tabus, eu particularmente não sou a favor de regras no âmbito da moda, pelo simples fato ser algo muito pessoal e sensível. Acho que as únicas regras válidas são a do espelho e a do bom senso. Vestiu, olhou, gostou? Então, vai.

Será mesmo que a idade ainda define o que iremos usar? Esse pensamento não soa um tanto anacrônico numa época em que o guarda-roupa de crianças e adultos, muitas vezes, confunde-se? Ou melhor, numa época em que certos adultos são mais jovens do que muitas crianças... Bem, o fato é que hoje, mais do que nunca, a idade deixou de ser um limitador de comportamento e passou a ser um simples dado pessoal para fins cadastrais.

Repito, não acredito em padrões preestabelecidos que devem ser seguidos como dogmas da moda, mas é bem verdade que o tempo passa e nós sentimos necessidade de mudar. São as experiências, as responsabilidades e o contexto em que vivemos que definem como queremos nos vestir e não a idade.

Vinte, trinta, quarenta, cinquenta...cada fase nos proporciona experiências ímpares. Certa vez, ouvi uma professora no auge dos seus sessenta anos dizer: “Eu já ateei fogo, mas hoje eu apago”. No caso, falava sobre Reforma Agrária, mas tal frase ainda ecoa na minha mente em vários aspectos da vida. Hoje podemos incendiar, mas certamente chegará o dia em que nosso prazer vai estar em abrandar.

Em resumo, atualmente vestimos o que queremos sem qualquer limitação social, mas nem sempre o que queremos hoje é aquilo que queríamos ontem ou que vamos querer amanhã. É tanto “querer” que pode até parecer um trava-língua. Bem, o certo é que tudo depende do que fomos, somos e seremos. Usar a moda do jeito que ela deve ser como uma extensão de nós mesmas em forma de roupas e acessórios.

Para ilustrar o que eu disse, selecionei algumas mulheres de diferentes idades que refletem no seu modo de vestir muito mais do que seu estilo, suas vidas.





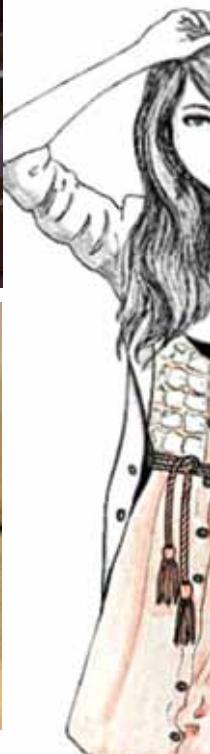
20's

Começando pela fashionista e arquiteta Carol Bezerra, que demonstra com perfeição a “teoria” do fogo comentado há pouco. Aos vinte e poucos anos a bela in-cendeia por onde passa com sua ousadia e informação de moda em cada detalhe do look. Carol não tem medo e vai do sexy ao meigo em um piscar de olhos. Sua ousadia reflete o momento em que está vivendo, recém-formada, mas já com muita bagagem nas costas, da mesma forma que 24 horas podem parecer pouco para um dia, um só estilo no look é desperdício.



30's

Nos trinta a velocidade começa a reduzir, a estabilidade bate à porta e é chegada a hora de pensar nas crias, sem deixar de lado todos os outros afazeres, claro. É hora de pensar no que é essencial e retirar tudo o que não é necessário. Otimizar é a palavra-chave. Renata Matos, arquiteta, está justamente nessa fase. Já respeitada no ramo da arquitetura, casada, com um filhote de dois anos e à espera de mais uma cria, a moça está no auge da sua vida. Renata tem um estilo elegante e clean, priorizando o conforto e o design das peças que usa.





40's

Aos quarenta, certas áreas da vida, adormecidas em razão de algumas responsabilidades, voltam a despertar. É hora de viajar, sair e aproveitar tudo o que foi abdicado nos últimos dez anos. Ju Flor, blogueira, sabe bem do que estou falando. Seus looks refletem exatamente esse momento em sua vida. As cores, sempre presentes, demonstram a vivacidade e a liberdade próprias da fase. E os shapewear mostram o autoconhecimento de sua imagem.



50's

Aos cinquenta a mulher chega ao seu clímax, o lado profissional já está mais do que estabilizado e os filhos já são independentes, é tempo de colher os frutos. As preocupações são menores e a mulher volta a ter mais tempo para ela, ressurgem o prazer de se cuidar e pensar mais em si mesma. Patrícia Benning, empresária, reflete nos seus looks, a maturidade própria de quem conquistou tudo o que desejou aos vinte. Patrícia e seus lábios sempre vermelhos usa e abusa do animal print e de shapewear que valorizam .





CARLOS DE SOUZA

Música

Um projeto interessante que se repete toda última quinta-feira do mês é o Quintas Clássicas, da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte. O último concerto foi realizado no Teatro Alberto Maranhão com a participação do renomado pianista mexicano Jesús María Figueroa. A apresentação foi conduzida por Linus Lerner, maestro brasileiro que já atuou em grupos de diversos países como Estados Unidos, México e Portugal. O concerto teve um repertório com o alemão Johannes Brahms, o norueguês Edvard Grieg e o boêmio Antonin Dvorak: Dança Húngara Nº5 (Brahms), Sinfonia Nº 8 Op. 88 em Sol Maior e Concerto para Piano Op. 16 em Lá Menor (Grieg), esta ao som do piano de Figueroa. O projeto é pro-



movido pelo Morada da Paz, por meio da lei de incentivo Djalma Maranhão da Prefeitura de Natal, e pela Cosern, por meio da lei de incentivo Câmara Cascudo. A iniciativa conta também com apoio do Governo do Estado, da Secretária de Cultura, da Igetur e dos Hotéis Paradise.

Fotografia

Está aberta até do dia 23 deste mês, no Teatro de Cultura Popular da Fundação José Augusto a Exposição N. Y. Emotional landscapes – The Incertitude Principle, do fotógrafo português Luis Pereira que captou imagens de Nova Iorque por 20 anos e agora exibe em Natal o resultado desse trabalho. Através de seu olhar sensível, o artista retrata o cotidiano da maior cidade do mundo, revelando o teor emocional das paisagens urbanas. A exposição é uma oportunidade única para a aquisição das obras, com tiragem limitada, que estarão disponíveis para venda, certificadas e assinadas pelo autor.



Mais fotografia

O fotógrafo João Maria Alves está realizando a exposição Pipa Colorida, no espaço da Calígula Pizzaria em Pipa, em que mostra ângulos diferentes da praia mais famosa do Rio Grande do Norte e do Brasil. São 15 fotos, nas dimensões 30 x 45 cm. As respectivas imagens, emolduradas, estão à venda ao preço de R\$ 250,00. "Instantes de minhas divagações pelas praias de Tibau do Sul. Lugares lindos, exuberantes, não há como errar o foco", afirma o fotógrafo. João Maria Alves é um dos mais experientes repórteres-fotográficos do RN, com 35 anos de jornalismo, atuou nos principais veículos de comunicação da cidade. Em sua atuação como free lancer, publica material em revistas e jornais e está sempre levando seu trabalho a galerias do Brasil e do exterior. O inusitado dos lugares por onde circula não lhe foge à lente. Faz sempre o clique certo, na melhor hora da imagem capturada.



Escritora

Carol Vasconcelos acaba de lançar seu segundo livro, *A Filha de Gaia*, pela Editora Ideia. A jovem escritora tem imaginação fértil de onde saem histórias de grande beleza. No primeiro livro, *Contos do Mundo Mágico*, e neste, figuram feitiçeras, elfos, duendes, fadas e outros seres vivem em mundos de fantasia e magia. Ela destaca que sua mãe, escritora Carmen Vasconcelos, sempre foi sua grande incentivadora, que insistia para ela se interessar pela leitura e nada a prendia diante de um livro, até ser apresentada ao primeiro volume da série *Harry Potter*. Carol Vasconcelos é formada em psicologia. Seus livros podem ser encontrados nas boas livrarias de Natal.



Artes plásticas

O grande acontecimento em agosto no mundo das artes plásticas foi mesmo o IV Salão Nordeste de Artes Visuais. O Salão idealizado pela Secretaria Extraordinária de Cultura do RN tem o objetivo de incentivar, reconhecer e divulgar os artistas visuais nordestinos, além de promover, inclusive, o intercâmbio dos artistas participantes e suas obras. Em sua quarta edição, o Salão segue revelando e consagrando nomes de nossa cultura. O artista classificado em primeiro lugar na categoria pintura foi o seridoense de Currais Novos, Francisco de Assis Batista da Costa. Em escultura, o vencedor foi Iron Gracia Dantas, de Parelhas. Na categoria referente a objeto de arte popular, Geocifran Francisco de Assis Azevedo, de Jardim do Seridó, levou o primeiro lugar. Ao todo, 30 obras nas categorias Pintura, Escultura e Objeto de Arte estão em exibição. A curadoria é de Jomar Jackson.



Livro

Está chegando às livrarias o encantador livro Luciano Pavarotti, um Mestre Para Todos, de Andrea Bocelli, Editora Bertrand Brasil, 160 páginas, R\$30,00. Esta é uma narrativa sobre a vida do tenor mais famoso que já existiu, mas também uma análise, uma confissão do que este representou para o próprio Bocelli e como o influenciou em sua carreira. Uma obra dedicada, com extrema gratidão, à amizade. O livro apresenta também as facetas menos conhecidas do artista, como a de constante solidariedade aos mais necessitados, em particular as crianças, e a do casamento feliz com Nicoletta Mantovani, coroado pelo nascimento da pequena Alice.



Viagem

Outro livro interessante que está chegando às livrarias é este *Um Ano na Provença*, de Peter Mayle, Editora Sextante, 240 páginas, R\$17,90. Vencedor do prêmio Melhor Livro de Viagem do British Book Awards, a obra é um retrato fascinante da paisagem, culinária, costumes e da vida rural no sul da França. Livros de receitas e guias da região costumam nos seduzir com refeições fartas, coloridas e apetitosas, plantações de lavanda, belíssimos vinhedos e céus azuis. Mas nada como conhecer o relato em primeira mão de quem deixou a cidade grande para se entregar à experiência de desfrutar tudo isso, num local onde o tempo é governado pelas estações, não pelos dias. Todos os prazeres rústicos da vida provençal estão reunidos neste retrato, misto de caderno de viagens, crônica e romance - obra que deve ser degustada como o melhor dos vinhos.



Série

Para aproveitar o clima de campanha eleitoral, nada melhor que desfrutar a segunda temporada completa de *House of Cards*, por R\$99,90. Ardilosos, sedutores e carismáticos, Francis Underwood e sua igualmente ambiciosa esposa Claire prosseguem com seu cruel esquema de conquista do poder. Por trás de toda a cena de poder, sexo, ambição, amor, ganância e corrupção de Washington D.C., está esse esperto casal que não tem limites para realizar sua rota de ascensão.



CELEBRAR É PRECISO

Fotos: Paulo Lima

Ao som do sax de João Maria, Kátia Kouzak recebeu em grande estilo para festejar mais um grito de felicidade. Nos tilintares de prosecco e coro de parabéns para a aniversariante, 120 convidados, entre familiares e amigos. Ocasião com delícias volantes e jantar, com assinatura Creps Buffet. Ocasião com decoração temática, em homenagem à Alemanha, feita pela própria anfitriã, em tons de vermelhos, pretos, amarelos e brancos.



A aniversariante com os filhos Solón, Zenon e Valeska Kouzak



Elaine Caldas, Maria Olímpia Gardino e Leide Anchieta



Elizabet Garcia Campos e Rita Márcia Machado



Anna Maria Maciel e Iracema Torres



Carmen Minuzzi, Lúcia Itapary e Regina Moura



Lucila La Porta e Carmen Bocorny



Iza Mozzato e Deniso Morro



Heloísa Hargreaves e a potiguar Maria José Santana



Aloysio e Sofia Kouzak Campos da Paz (netos da aniversariante), Laís e Ana Aimê



Edna Batista, Andréa Nalini e Izabel Breckenfeld

A FESTA

Fotos: João Neto

Amostrado que só ele, o colunista Chrystian de Sabóya pilotou mais uma festa pra lá de criativa e alto astral, no Boulevard, em Natal, com ambientação de Gracita Lopes, sob o tema “Chique é ser feliz”, que reuniu a combinação brega-chique. No teto, guarda-chuvas coloridos. Por todos os lados, flores de plástico, girassóis, pinguins, garrafas térmicas. Nos banheiros, 1200 unidades de Leite de Rosas, sabonetes Alma de Flores, Phebo e Neutrox; desodorante Rastro. Carrinhos percorriam com coxinhas fritas na hora. Tinha empada quentinha. Para dançar: La Tiffa, Jaína Elne, Metamorfose e Luís Couto. Escândalo!



Anfitriões: Chrystian, Keity e a herdeira Valentina



Edna Galvão e Waldemar Marinho



Cristina e Fábio Dantas



Gustavo Rosado e João Marcelino



Andressa Araújo e José Carlos



Cristina Barreto e Luís Eduardo



Marsol e Glauber Uchoa



Leila Cunha Lima e Marísio Almeida



Renata Teles e Ricardo Bittencourt

TÚNEL DO TEMPO

Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivo pessoal

NOITE DE PRATA

No dia 23 de julho de 2002, o Centro de Convenções do Hotel Pirâmide ganhou uma super estrutura e decoração impecável para receber 1.600 convidados. Era a noite das Bodas de Prata do casal Sandra e Sami Elali, no hotel de propriedade da família. Noite embalada pela orquestra Super O'hara, até que a herdeira Marina Elali, ao piano, interpreta a canção Lu-íza, de Tom Jobim. A grandiosidade da festa até hoje é lembrada nos circuitos chiques da sociedade potiguar.



Marina, Sami, Sandra e André Elali



Augusto Carlos Viveiros e Dagraça



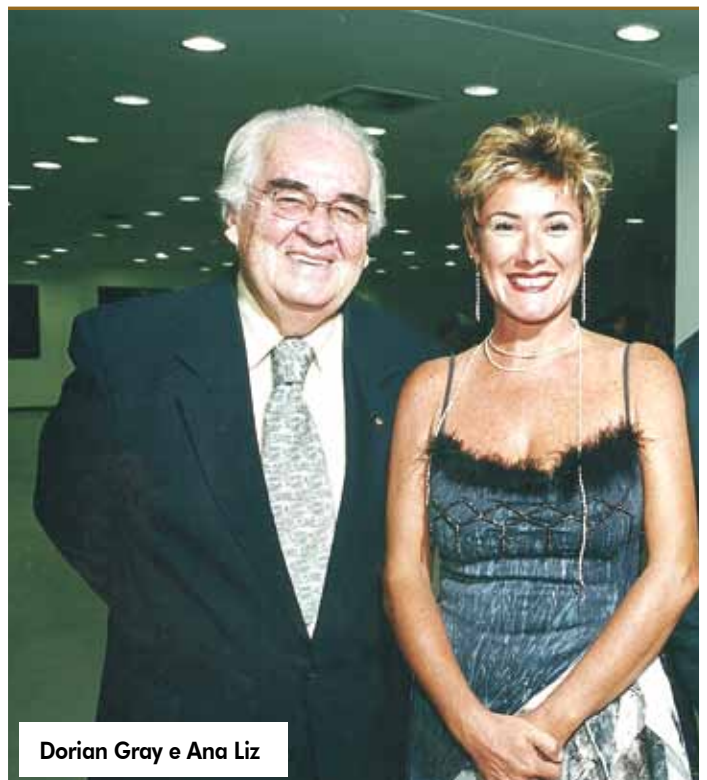
Berenice e Olavo Roque



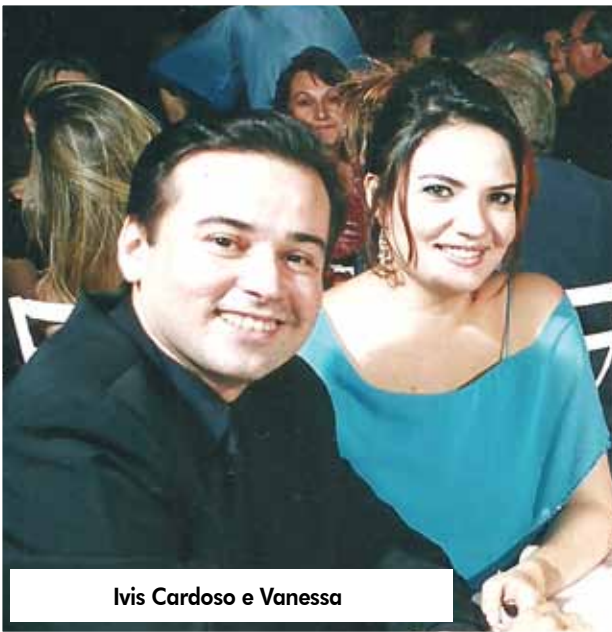
Clotilde e Moacir Pinheiro



Pedro Cavalcanti e Valéria



Dorian Gray e Ana Liz



Ivis Cardoso e Vanessa



Saudoso Moacir Maia e Violeta



Ezequiel Ferreira de Souza e Letícia



Nilza e Manoel Lopes



Rogéria Costa e Tereza Vale



Toinho Silveira, Doroteia Dantas,
Glórinha Tavora e Jota Oliveira



SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA (STJ): A EXPECTATIVA DE PODER DE UM MAGISTRADO

Em mensagem acerca do Dia Mundial das Comunicações da Igreja Católica, o Papa Francisco destacou que os meios de comunicação e a internet são muito bons, “um presente de Deus”, mas chamou a atenção para o fato de que o mundo digital em alta velocidade das redes sociais, quase sempre superficial, precisa de uma injeção de calma e reflexão.

A rapidez na informação vem contagiando o leitor menos cauteloso, pois, por vezes, contentamo-nos com o “passar de olhos” em uma manchete (seja na rede mundial de computadores, jornal, revista etc.) e já imaginamos toda a matéria, tecendo críticas sem sequer saber seu real conteúdo. O título deste artigo tem por objetivo provocar tal debate (de que poder se pretende falar...)

Como muitos já sabem, o Superior Tribunal de Justiça, Corte que honrosamente passo a integrar (já com grande saudade dos amigos que deixo no meu Tribunal Regional Federal da 5ª Região), é formado por 33 Ministros, sendo que o Presidente, o Vice e o Corregedor Nacional de Justiça não participam da distribuição regular dos processos, de modo que são 30 magistrados dispostos em três grandes seções, cada uma composta por duas turmas.

A 1ª Seção examina, em linhas gerais, questões de Direito Público, com exceção dos temas criminais; a 2ª, Direito Privado; a 3ª dedica-se à matéria penal. Por que são tantos magistrados? Na verdade, a principal missão do STJ é uniformizar a interpretação das normas infraconstitucionais. Assim, todos os julgados dos Tribunais Regionais Federais (TRFs) e dos Tribunais de Justiça (TJs) no País que violem lei federal ou lhe deem interpretação diversa podem chegar àquela

Corte. Para se ter uma ideia do volume de trabalho, suficiente é informar que foram distribuídos mais de 300.000 processos no ano de 2013, chegando a uma média anual de mais de 10.000 feitos para cada um dos 30 Ministros que têm participação nas turmas e seções.

Com a instituição do recurso repetitivo, a partir de 2007, o Código de Processo Civil (art. 543-C) estabeleceu um comando determinando que a interpretação oferecida pelo STJ deve ser seguida pelos TRFs e TJs, enaltecendo a relevância das decisões daquela Corte em temas como: 1) não incidência de imposto de renda quanto às verbas recebidas em Programas de Demissão Voluntária (REsp 1.112.745/SP, 1ª Seção – Direito Público); 2) direito à devolução imediata dos valores pagos pelo promitente comprador em caso de rescisão de contrato de promessa de compra e venda de imóvel (REsp 1.300.418/SC, 2ª Seção – Direito Privado); 3) a venda de CDs e DVDs piratas caracteriza o crime de violação ao direito autoral, não se aplicando o “princípio da adequação social” (REsp 1.193.196/MG, 3ª Seção – Direito Penal).

























Assim, ao chegar ao STJ, a minha grande expectativa é poder contribuir com os meus estudos acerca de debates envolvendo relevantes questões (que não sejam constitucionais, pois estas ficam a cargo da Suprema Corte), passando a exercer a minha judicatura com o mesmo desejo de trabalho e idêntica paixão dos meus primeiros dias como juiz, agora renovado com a experiência de duas décadas de exercício jurisdicional, honrando a tradição da toga potiguar naquela Corte, que já foi representada pelos notáveis Ministros José Fernandes Dantas e José Augusto Delgado.

“
 A rapidez na
 informação vem
 contagiando o leitor
 menos cauteloso,
 pois, por vezes,
 contentamo-nos
 com o “passar de
 olhos” em uma
 manchete”

A NOSSA TV CÂMARA EM SINTONIA COM VOCÊ.

O legislativo municipal está na tela da sua tv com informação, cidadania e cultura para todos os natalenses. Com uma programação voltada ao interesse da sociedade, a TV Câmara é um instrumento de transparência dos atos do poder legislativo.

ENTRE NESSA SINTONIA, ASSISTA NOSSA PROGRAMAÇÃO.

- | | |
|---|---|
|  SESSÕES ORDINÁRIAS |  TV FISCO EM PAUTA |
|  SESSÕES SOLENES |  TV RURAL |
|  AUDIÊNCIAS PÚBLICAS |  QUINTA JURÍDICA |
|  CÂMARA REPÓRTER |  JUSTIÇA E VOCÊ |
|  COM A PALAVRA VEREADOR |  AGORA É LEI |
|  CÂMARA VERDE |  DICAS DA TV CÂMARA |
|  CÂMARA ESPORTIVA |  FAÇA O BEM |
|  CÔMITE DE IMPRENSA |  MEU BAIRRO |
|  DIRETO AO PONTO |  MOMENTO CULTURAL |
|  TELA DE JUSTIÇA |  PERFIL PARLAMENTAR |
|  PENSANDO BEM |  PONTOS HISTÓRICOS |
|  EDUCAÇÃO EM PAUTA |  VOCÊ SABIA |



WWW.CMNAT.RN.GOV.BR



**PARA FAZER SUCESSO
COM CACHAÇA,
ANDERSON SABIA
QUE ERA PRECISO
MAIS DO QUE OFERECER
UMA DOSE PRO SANTO.**

ART&C



1997. Na Fazenda Extrema, no município de Pureza, Anderson Faheina começava os primeiros experimentos com cana-de-açúcar para fabricação da sua cachaça Made in RN. Com o apoio do Sebrae, que ofereceu consultoria na produção e adequação para certificação orgânica, a Cachaça Extrema hoje coleciona prêmios de qualidade pelo Brasil.

Aí, você pergunta: qual o segredo do sucesso? A resposta é simples: doses e mais doses de conhecimento técnico.

Esta é mais uma história de vontade, dedicação e parceria, que o Sebrae faz questão de multiplicar todos os dias, em várias cidades do RN.

EXISTE UM SEBRAE PRA VOCÊ. VENHA DESCOBRIR QUAL É O SEU.

0800 570 0800 www.rn.sebrae.com.br